

**CRISTHIANE DA SILVA CAVALCANTE**

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E CONSUMO SUSTENTÁVEL: UMA PROPOSTA  
CONTRA A CULTURA DO DESPERDÍCIO NO ÂMBITO ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao  
Programa Regional de Pós-  
Graduação em Desenvolvimento e  
Meio Ambiente da UFPB, como  
parte dos requisitos necessários  
para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Francisco José  
Pegado Abílio

**JOÃO PESSOA**

**2013**



UFPB UERN UESC UFAL UFS UFRN UFPI

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
PROGRAMA REGIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE**

**CRISTHIANE DA SILVA CAVALCANTE**

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E CONSUMO SUSTENTÁVEL: UMA PROPOSTA  
CONTRA A CULTURA DO DESPERDÍCIO DENTRO DO ÂMBITO ESCOLAR**



João Pessoa-PB  
Fevereiro de 2013

CRISTHIANE DA SILVA CAVALCANTE

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E CONSUMO SUSTENTÁVEL: UMA PROPOSTA  
CONTRA A CULTURA DO DESPERDÍCIO NO ÂMBITO ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao  
Programa Regional de Pós-  
Graduação em Desenvolvimento e  
Meio Ambiente da UFPB, como  
parte dos requisitos necessários  
para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Francisco José  
Pegado Abílio

JOÃO PESSOA

2013

C376e Cavalcante, Cristhiane da Silva.

**Educação ambiental e consumo sustentável: uma proposta contra a cultura do desperdício no âmbito escolar/ Cristhiane da Silva Cavalcante.- - João Pessoa: [s.n.], 2013.**

1070f.:il.-

Orientador : Francisco José Pegado Abílio.

Dissertação (Mestrado) – UFPB/PRODEMA.

1. Educação ambiental. 2. Consumo sustentável. 3. Ensino fundamental.

UFPB/BC

CDU: 37:504(043)

**CRISTHIANE DA SILVA CAVALCANTE**

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E CONSUMO SUSTENTÁVEL: UMA PROPOSTA  
CONTRA A CULTURA DO DESPERDÍCIO NO ÂMBITO ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao  
Programa Regional de Pós-  
Graduação em Desenvolvimento e  
Meio Ambiente da UFPB, como  
parte dos requisitos necessários  
para a obtenção do título de Mestre.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Francisco José Pegado Abílio (orientador)  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

---

Profa. Dra. Aparecida de Lourdes Paes Barreto  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)  
Avaliador(a) externo

---

Profa. Dra. Maria de Fátima Camarotti  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)  
Avaliador (a) externo

Dedico,

Aos meus pais GERALDA E WILSON  
fonte de toda minha alegria;

Aos meus amigos, professores e todos  
que participaram e colaboraram para  
que este trabalho fosse concretizado.

Aos que acreditam que uma educação e  
um mundo melhor são possíveis.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a DEUS, minha fonte de fé, paz e certeza de dias melhores;

A meu querido orientador Dr. FRANCISCO JOSÉ PEGADO ABÍLIO, pela amizade e por sua grande dedicação em todos os momentos de construção desta pesquisa e por ser um exemplo constante de humanidade e profissionalismo.

Ao meu esposo JACKSON RESENDE DE LIMA pela paciência e constante estímulo nos momentos difíceis;

Às professoras Dr<sup>a</sup>. MARIA DE FÁTIMA CAMAROTTI, e Dr<sup>a</sup>. APARECIDA DE LOURDES PAES BARRETO pela pronta contribuição a este trabalho;

Aos amigos e colegas do mestrado ADILMA, HUGO, JÚLIA, FRANCISCO WILLIAN, PALOMA e RAFAELA, fazendo com as situações tantas vezes difíceis fossem menos complicadas através do companheirismo, aos Professores CHICO, FÁTIMA, APARECIDA, GUSTAVO, CRISTINA que através de sua dedicação e profissionalismo me fizeram sentir orgulho de continuar nessa caminhada, além de toda contribuição para minha formação.

Ao amigo BRUNO por todos os momentos de companheirismo nos momentos difíceis desta caminhada, em especial aos momentos de “não tem condições”.

Ao DAAD/Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico, por me fornecer condições financeiras, com o auxílio de uma bolsa de estudo a qual colaborou imensamente para o término desta pesquisa.

Às escolas EMEF Ângelo Notare e EEEFM Alice Carneiro que compreenderam a importância desta pesquisa tornando possível o seu desenvolvimento.

Ao funcionário SAULO pela presteza de serviços burocráticos além de sua simpatia em atender a todos.

Ao PRODEMA por me capacitar através de uma formação interdisciplinar tão necessária a minha caminhada profissional.

## RESUMO

Atitudes individualistas são corriqueiras em nossa sociedade fruto da competitividade e do consumismo. Diante do quadro exposto se faz necessário analisar a importância em se abordar a relação do indivíduo com o meio ambiente, quanto à necessidade da criação de novos hábitos e modos de consumo. O objetivo deste estudo foi analisar a compreensão dos alunos e professores de duas escolas da cidade de João Pessoa sobre o consumo sustentável e a cultura do desperdício no âmbito escolar. A pesquisa foi realizada em duas escolas da rede pública de ensino EMEF General Ângelo Francisco Notare e na EEEFM Alice Carneiro ambas da cidade de João Pessoa. Ao longo da pesquisa observa-se que é necessário fomentar nas escolas questões que concernem ao consumo sustentável e minimização dos impactos da cultura do desperdício imposta a nós todos os dias. Uma educação voltada para o consumo consciente é de extrema valia no contexto contemporâneo em que nossa sociedade se encontra. Despertar as futuras gerações, desde a sua formação para práticas sustentáveis é indispensável, para que um novo padrão de sustentabilidade seja alcançado aproveitando o potencial inovador da juventude e das novas gerações que estão por vir em se relacionar com seu habitat natural de forma ética e responsável. O estudo apresentou uma análise da relação consumo sustentável como forma de construir uma perspectiva crítica dos alunos dentro do âmbito escolar, implicando o entrelace das temáticas: meio ambiente consumo e desperdício. Como resultados pode-se concluir que a educação ambiental se faz pertinente para tratar de uma problemática tão presente no cotidiano atual, sendo uma proposta necessária que deve estar presente dentro do universo escolar.

Palavras-Chave: Consumo Sustentável. Educação Ambiental. Ensino Fundamental

## **ABSTRACT**

Individualistic attitudes are commonplace in our society fruit of competitiveness and consumerism. Given the above framework is needed to analyze the importance in addressing the individual's relationship with the environment, the need of creating new habits and modes of consumption. The aim of this study was to assess the understanding of students and teachers from two schools in the city of João Pessoa on sustainable consumption and waste within the culture of the school. This research was conducted in two public schools teaching the EMEF General Francisco Notare and EEEFM Alice Carneiro both the city of João Pessoa. Throughout the research that is necessary to promote school issues regarding sustainable consumption and minimizing the impacts of culture of waste imposed on us every day. An education focused on conscious consumption is extremely valuable in the contemporary context in which our society is thus awakening future generations, since its formation is indispensable to sustainable practices, so that a new standard of sustainability is achieved harnessing the innovative potential youth and new generations that are to come in relating to their natural habitat in an ethical and responsible manner. The study presented an analysis of the sustainable consumption as a way to build a critical perspective of the students within the school, involving the intertwining of themes: environment and wasteful consumption. As results we can conclude that environmental education becomes relevant to address this as an issue in everyday current, being necessary a proposal that must be present within the school environment.

Keywords: Sustainable Consumption. Environmental Education. Elementary Education

## Lista de Figuras

|                   |                                                                                                                                                      |    |
|-------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 1-</b>  | (A) Localização da E. E. E. F.M. Dona Alice Carneiro, (B) Fachada externa da escola, (C) Área interna da escola, município de João Pessoa – PB ..... | 38 |
| <b>Figura 2-</b>  | Fachada da EMEF General Ângelo Francisco Notare .....                                                                                                | 39 |
| <b>Figura 3-</b>  | Localização da Escola Estadual de Ensino Fundamental General Ângelo Francisco Notare no município de João Pessoa, estado da Paraíba .....            | 39 |
| <b>Figura 4-</b>  | Área externa da EEEFM Dona Alice Carneiro, localizada na cidade de João Pessoa - Pb .....                                                            | 40 |
| <b>Figura 5-</b>  | Telhado solto da quadra Poliesportiva da EEEFM Dona Alice Carneiro, localizada na cidade de João Pessoa- PB .....                                    | 41 |
| <b>Figura 6-</b>  | Biblioteca da EEEFM Dona Alice Carneiro em condições adversas ao funcionamento normal .....                                                          | 42 |
| <b>Figura 7-</b>  | Vista Geral de alguns espaços da EEEFM Dona Alice Carneiro .....                                                                                     | 42 |
| <b>Figura 8-</b>  | Dependências em mal estado: (A e B) salas de aula, (C, D, E ,F) banheiros e (G) bebedouros da EEEFM Dona Alice Carneiro .....                        | 43 |
| <b>Figura 9-</b>  | Corredor de entrada da EMEF General Ângelo Francisco Notare .....                                                                                    | 45 |
| <b>Figura 10-</b> | Ambientes da EMEF General Ângelo Francisco Notare .....                                                                                              | 45 |
| <b>Figura 11-</b> | Vista geral de algumas depêndencias: (A) corredores,(B) Sala de jogos, (C) coordenação, (D) coletor , (E) sala de aula e (F) banheiros da EMEF       |    |

|                                                                                                                                                |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| General Angelo Francisco Notare .....                                                                                                          | 48 |
| <b>Figura 12-</b> (A) Bebedouros, (B) armários, (C) corredores de salas de aula e (D) refeitório da EMEF General Ângelo Francisco Notare ..... | 49 |
| <b>Figura 13-</b> Apresentação do projeto de pesquisa para os professores .....                                                                | 50 |
| <b>Figura 14-</b> Exibição do vídeo sobre o meio ambiente a alunos das escolas pesquisadas, junto as professoras .....                         | 72 |
| <b>Figura 15-</b> Visita dos alunos ao entorno das escolas A (esquerda) e B (direita) .....                                                    | 75 |
| <b>Figura 16-</b> Aula de campo com visita ao viveiro de plantas e plantio de árvores pelos alunos da escola A .....                           | 75 |
| <b>Figura 17-</b> Visita de campo ao Jardim Botânico com realização de trilhas pelos alunos da escola B .....                                  | 76 |
| <b>Figura 18-</b> Exposição de vídeo ilustrativo sobre a água para os alunos da escola A (esquerda) e escola B (direita) .....                 | 77 |
| <b>Figura 19-</b> Painéis construídos pelos alunos das escolas A e B na oficina de consumo .....                                               | 80 |
| <b>Figura 20-</b> Montagem do cartaz com propagandas na oficina de Tv e consumo pelos alunos das escola A e B .....                            | 82 |
| <b>Figura 21-</b> Atividade desenvolvida na oficina de consumo de energia com alunos da escola A (esquerda) e B (direita) .....                | 85 |
| <b>Figura 22-</b> Exposição do jornal mural com notícias do meio ambiente pelos alunos da escola A (esquerda) e da escola B (direita) .....    | 86 |

|                   |                                                                                                    |    |
|-------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 23-</b> | Momentos durante a oficina: Sou consciente, sou responsável, nas escolas A e B .....               | 89 |
| <b>Figura 24-</b> | Alunos da escola A realizando a atividade proposta na oficina .....                                | 90 |
| <b>Figura 25-</b> | Alunos da escola B executando a atividade proposta nessa oficina .....                             | 91 |
| <b>Figura 26-</b> | Exposição através de cartazes, após exibição de vídeo e discussão dos alunos da escola A e B ..... | 93 |

## Lista de Quadros

|                    |                                                                                       |    |
|--------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Quadro I-</b>   | Oficinas pedagógicas desenvolvidas durante o projeto .....                            | 36 |
| <b>Quadro II-</b>  | Distribuição de professores e disciplinas por escola .....                            | 51 |
| <b>Quadro III-</b> | Concepções sobre Educação Ambiental e exemplo das respostas dos docentes .....        | 58 |
| <b>Quadro IV-</b>  | Concepções sobre Meio Ambiente e exemplos de respostas dos docentes .....             | 60 |
| <b>Quadro V-</b>   | Concepções sobre Meio Ambiente e exemplos de respostas dos alunos no pré- teste ..... | 65 |
| <b>Quadro VI-</b>  | Concepção dos alunos sobre consumo .....                                              | 68 |

## Lista de Gráficos

|                   |                                                                                     |    |
|-------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Gráfico 1-</b> | Percepção dos professores das escolas sobre Educação Ambiental                      | 57 |
| <b>Gráfico 2-</b> | Percepção dos professores das escolas A e B sobre meio ambiente                     | 59 |
| <b>Gráfico 3-</b> | Percepção sobre meio ambiente dos alunos das escolas A e B no pré e pós-teste ..... | 64 |
| <b>Gráfico 4-</b> | Concepções dos alunos sobre consumo no Pré e Pós-teste .....                        | 67 |
| <b>Gráfico 5-</b> | Concepções dos discentes sobre a relação entre consumo e meio ambiente .....        | 68 |

## SUMÁRIO

|           |                                                                                                                                                   |           |
|-----------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1-</b> | <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                                                           | <b>13</b> |
| <b>2-</b> | <b>OBJETIVOS .....</b>                                                                                                                            | <b>17</b> |
| 2.1-      | Geral .....                                                                                                                                       | 17        |
| 2.2-      | Específicos .....                                                                                                                                 | 17        |
| <b>3-</b> | <b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>                                                                                                                | <b>18</b> |
| 3.1-      | O surgimento do capitalismo: um marco para uma nova ordem .....                                                                                   | 18        |
| 3.2-      | A colonização brasileira e suas consequências .....                                                                                               | 19        |
| 3.3-      | A sociedade de consumo: trajetórias e consequências .....                                                                                         | 22        |
| 3.4-      | Consumo e consumismo: duas faces da mesma moeda .....                                                                                             | 24        |
| 3.5-      | Chegando aos dias atuais .....                                                                                                                    | 27        |
| 3.6-      | A educação ambiental como princípio norteador para uma sociedade sustentável .....                                                                | 29        |
| 3.7-      | Pedagogia e Educação Ambiental: práxis e criticidade .....                                                                                        | 31        |
| <b>4-</b> | <b>MATERIAL E MÉTODOS .....</b>                                                                                                                   | <b>34</b> |
| 4.1-      | Procedimentos de coleta de dados .....                                                                                                            | 37        |
| 4.2-      | Universo pesquisado .....                                                                                                                         | 37        |
| 4.3-      | Caracterização da Área de estudo (Escolas A e B) .....                                                                                            | 37        |
| 4.3.1     | EEEFM Dona Alice Carneiro .....                                                                                                                   | 37        |
| 4.3.2     | EMEF General Ângelo Francisco Notare .....                                                                                                        | 38        |
| <b>5-</b> | <b>RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>                                                                                                               | <b>40</b> |
| 5.1-      | Diagnose de estrutura e funcionamento das escolas pesquisadas .....                                                                               | 40        |
| 5.2-      | Primeiros resultados correspondentes aos sujeitos da pesquisa .....                                                                               | 49        |
| 5.3-      | Análise do lócus da pesquisa: A escola .....                                                                                                      | 51        |
| 5.4-      | Compreendendo o conceito de EA e meio ambiente dos docentes .....                                                                                 | 56        |
| 5.5-      | Análises sobre a realidade e percepção dos alunos da escolas A e B .....                                                                          | 60        |
| 5.6-      | Análise do conceito de meio ambiente, consumo e a relação entre ambos dos alunos da EEEFM Dona Alice Carneiro e da EMEF Ângelo Notare (pré e pós- | 63        |

|      |                                                                                                         |    |
|------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
|      | testes) .....                                                                                           |    |
| 5.7- | Resultados e discussão das Oficinas Pedagógicas aplicadas com os alunos da Escola A e da Escola B ..... | 69 |
| 5.8- | Oficinas Aplicadas .....                                                                                | 69 |
| 6-   | <b>CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                                                           | 93 |
|      | <b>REFERÊNCIAS</b> .....                                                                                | 95 |

## **APÊNDICES**

## **ANEXOS**

## 1 INTRODUÇÃO

A problemática ambiental remete a uma maior reflexão sobre as práticas sociais, em uma realidade cujo fator observado é o descaso, a banalidade com que grande parte das sociedades se relaciona com o meio ambiente. Vemos, que atitudes individualistas são corriqueiras em nossa sociedade fruto da competitividade e do consumismo. Cada vez mais comportamentos e posturas como estas contribuem para exclusão social, exploração e destruição dos recursos naturais.

Em Leff (2001), nota-se que o saber ambiental permite explicar as causas da degradação ambiental, diagnosticar a especificidade de sistemas socioambientais complexos e formar uma racionalidade visando a gestão sustentável dos recursos.

E neste contexto se faz necessário fomentar nas escolas questões que concernem ao consumo sustentável e, minimizar também os impactos da cultura do desperdício imposta a nós todos os dias.

O interesse pelo tema da pesquisa aqui proposta surgiu após vivenciar a rotina escolar na prática, em uma experiência de quase dois anos. Observa-se algo que se fazia corriqueiro dentro da rotina escolar – o desperdício em diversos setores da escola além da falta de informação sobre as consequências destas posturas - e que passava muitas vezes despercebidos pela comunidade da escola, mas que trazia enormes consequências e que além de tudo deixava claro que tudo não passava de uma visão equivocada da EA.

Foi então que ficou claro e evidente que os princípios da EA não estavam sendo vivenciados de forma satisfatória, uma vez que não existia na visão dos alunos que tudo que é desperdiçado e consumido de forma irracional tem uma relação intrínseca com o meio ambiente.

Desta forma o consumo consciente se apresentou como um princípio da EA que necessitava ser trabalhado. E por que na escola? Por ter sido lugar em que da minha prática como pedagoga e pesquisadora, além da escola se apresentar como lócus e alavanca para o conhecimento de novas práticas educativas, e como também podendo ser a escola um ambiente formador que

tem o papel de passar aos indivíduos novos hábitos, novas posturas de comportamento perante a sociedade.

Se dentro da escola eu aprendo que desperdiçar é atingir negativamente o meio ambiente, eu posso obter essa consciência crítica e desenvolver ações responsáveis para com o meio ambiente.

Levar o aluno e a comunidade escolar a praticar um consumo consciente e sustentável estar relacionado com uma educação voltada para as reais necessidades do mundo moderno em que nos deparamos a cada dia e a cada vez mais a consumir e descartar sem pensar nas consequências destas posturas para as futuras gerações, para a humanidade, enfim para a vida de um modo geral.

Nota-se então que a educação, portanto, tem um papel primordial para a formação de uma nova ética ambiental. Para o Estado a educação tem a finalidade de formar o cidadão, ou seja, dotar os mais jovens de condições básicas para desenvolver a cidadania (FERREIRA, 1993).

Capra (2006, p. 135) afirma que:

Eu acredito que a educação quando vista da maneira certa, possa ajudar cada um de nós a vencer a força centrípeta da ganância, da ilusão e da má vontade, mas esse é um processo que dura a vida inteira e só começa na educação formal.

Desta forma nota-se a relevância em desenvolver ferramentas de educação que culminem em ações para a formação de uma sociedade melhor mesmo tendo tanto desencontro no meio do caminho.

Abordar a temática do consumo dentro da escola surge como uma nova ética a ser trabalhada no contexto educacional favorecendo a alunos e professores a fomentar em suas vivências um aprendizado relacionado com o mudo fora dos muros escolares.

Em termos contextuais observa-se que o padrão de consumo seguido pelos países afluentes jamais poderia ser estendido às demais sociedades, devido à própria impossibilidade de o meio ambiente natural absorver os impactos sucedidos dessa adoção (FURTADO, 1981; LEIS, 1999; FURRIELA, 2001).

Esta pesquisa justifica-se pela preocupação em relacionar as práticas pedagógicas relacionadas às práticas de EA atrelada ao consumo sustentável e a cultura do desperdício, o que significa dizer que as questões ambientais

abrangem os problemas ecológicos, sociais, culturais, históricos, políticos e econômicos. Como afirma Guimarães (2004); as questões sociais e ambientais estão mutuamente ligadas.

Tem-se, portanto a urgente necessidade de analisar a relação de consumo e a EA, como forma de alertar os indivíduos para a crise ecológica que é visível a nossa frente, levando-os a se perceberem enquanto seres humanos capazes de reverter a grave situação ambiental enfrentada atualmente.

Observa-se que é trazido em nossas raízes culturais o espírito do consumismo, oriundo de uma cultura capitalista e individualista. O sujeito, portanto, não é unicamente responsável por obter tal postura, uma vez que entende-se a questão do consumo nada mais é que uma estratégia do próprio sistema econômico capitalista dominante na sociedade atual com o aval dos governantes. Perante tal situação, pode-se formar o cidadão para que possua consigo uma criticidade acerca da questão e essa realidade pode vir a ser amenizada pelos princípios defendidos pela EA. Identifica-se, portanto, a EA como política necessária ao desenvolvimento socioambiental, capaz de amenizar as consequências desse cenário tanto global quanto local.

Tal temática traz também uma oportunidade de reflexão na relação sociedade e natureza em meio a real conjuntura socioambiental em que nos encontra-se. A cerca dessa realidade Boff (2009, p.17) afirma que:

O projeto do crescimento material ilimitado, mundialmente integrado, sacrifica 2/3 da humanidade, extenua recursos da Terra e compromete o futuro das gerações vindouras. Encontramo-nos no limiar das bifurcações fenomenais. Qual é o limite da suportabilidade do super organismo Terra? Estamos rumando na direção de uma civilização do caos?

Observa-se, portanto, uma imersão da sociedade em um modelo socioeconômico insustentável que como consequência traz o rompimento da relação de equilíbrio entre o homem e o ambiente em que vive.

Desta forma, é perceptível que as sociedades encontram-se em um marasmo social em que “historicamente, o ser humano inserido nesse modelo capitalista sente-se separado, não integrado ao ambiente natural, o que contribui para uma percepção desse ambiente como suporte para o desenvolvimento a partir de uma visão servil, utilitarista e consumista, de

dominação totalitária da natureza” (GUIMARÃES 2000) e assim a sociedade mundial caminha para um processo de afastamento do eixo natural, ou seja, um apartamento da relação homem e ambiente.

A problemática ambiental carrega consigo diversos estigmas provenientes de uma sociedade global capitalista. Portanto, nota-se que se faz pertinente obter urgentemente uma consciência relacionada a essa discussão, neste caso aqui analisada a partir do âmbito escolar.

Portanto, não se pode compreender a situação aqui retratada sem considerar um fator primordial: a educação, esta que perpassa por todas as relações humanas tidas a priori como a maneira de formar o homem, diante disso não se pode pensar que tal fato nada tenha haver com o que acontece nas relações sociedade e ambiente, pois pensar assim é negligenciar nossos direitos e mais especificamente é negligenciar uma qualidade de vida saudável, uma educação contextualizada e além de tudo o direito e dever de cidadão.

Esta pesquisa destina-se a uma melhor compreensão de como a EA pode vir a contribuir e somar conhecimentos a cerca dos valores que nos cercam no mundo contemporâneo, tais como: individualismo e consumismo exacerbado. Com isso, ter como finalidade compreender como o discurso do consumo sustentável vem sendo vivenciado no âmbito escolar. A partir deste cenário a pesquisa realizou uma análise da relação consumo sustentável como forma de construir uma perspectiva crítica a respeito do discurso desenvolvimentista, uma vez que, implica o entrelace das temáticas: meio ambiente, consumo e sustentabilidade.

## **2 OBJETIVOS:**

### **2.1 GERAL**

Analisar a percepção de alunos e professores da escola sobre consumo sustentável, consumo consciente contribuindo para o conhecimento de práticas em educação ambiental contra a cultura do desperdício dentro do âmbito escolar.

### **2.2 ESPECÍFICOS**

- Averiguar o conhecimento dos alunos do 7º ano do ensino fundamental I sobre as temáticas: meio ambiente, consumo consciente e EA;
- Diagnosticar estrutura e funcionamento das escolas pesquisadas em relação ao às práticas pedagógicas relacionadas a EA.
- Verificar a percepção dos sujeitos envolvidos acerca do tema da pesquisa através de oficinas pedagógicas;

### **3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

#### **3.1 O SURGIMENTO DO CAPITALISMO: UM MARCO PARA UMA NOVA ORDEM**

Ao analisar a conjuntura histórica da humanidade observa-se a influência do capitalismo atrelado ao desenvolvimento do mundo e suas intrínsecas relações, ou seja, com a expansão capitalista ao longo dos anos é notória que as consequências da ação humana foram impulsionadas pelo apogeu do capitalismo o que fortemente alterou as relações com o meio ambiente.

Com o início do capitalismo, houve o declínio do sistema feudal. O capitalismo surgiu na Europa, mas observamos os primeiros indícios desde a baixa idade média datado mais especificamente por volta dos séculos XI até o XV, justamente durante este período observa-se uma mudança da economia do feudalismo para a cidade, tal fato historicamente tem consequência devido pandemia ocasionada pela Peste Negra, assolando o continente europeu com a fome e a morte.

Um pouco antes a Europa tinha vivenciado a uma melhoria no sistema comerciário devido ao movimento das Cruzadas<sup>1</sup> durante os séculos XI ao XII, pode-se identificar este fator como um dos responsáveis pelo constante desenvolvimento urbano e comercial o que mais adiante proporcionaria as relações de produção capitalista comprometendo o sistema feudal por volta de 1500.

As revoluções burguesas, tais como a Revolução Francesa, a Revolução Inglesa e a Revolução Industrial trouxeram ideais de expansão comercial, o que contribuiu para o panorama capitalista, sendo assim, o capitalismo pôde ser compreendido como um sistema de acumulação de recursos financeiros e materiais almejando uma maior produção econômica em busca de capital.

Aponta-se como característica principal do sistema capitalista o desejo pelo acúmulo de riquezas, características esta existente desde o Império Romano, que agora com a ascensão do capitalismo tornara-se mais concreta,

---

<sup>1</sup> As Cruzadas foram influenciadas por diversos fatores, tais como de ordem religiosa, social e econômica. A ocorrência das Cruzadas significou a cultura e a mentalidade da época.

uma vez que o objetivo do capitalismo sempre foi o acúmulo de riqueza e o aumento do capital.

Como já foi mencionado o feudalismo é abolido em 1500, ano do descobrimento do Brasil, ano este também em que o capitalismo se encontra em sua fase inicial, o que torna o Brasil uma terra de riquezas a ser explorada.

A procura por novas terras para se por em prática o acúmulo de capitais se torna o maior marco da época, e é neste período que os portugueses chegam às terras brasileiras, com traços de uma colonização exploradora que fazendo-se presente até os dias atuais em que a problemática ambiental no país perpassa por conturbações.

### 3.2 A colonização brasileira e suas consequências

Retomamos ao recorte histórico do Brasil na era do descobrimento e conquista, sendo o Brasil colônia de exploração da metrópole portuguesa, podemos desde tal momento compreender que ocorreu uma exploração das riquezas naturais, em vista disto nos afirma Moraes (1997: p.37)

Assim o padrão colonial latino americano de valorização do espaço implicou um gradativo empobrecimento relativo dos territórios onde se instalou uma destruição da riqueza natural sem uma agregação de valor ao solo compatível com a riqueza retirada.

Ao analisar os primeiros escritos históricos que retratam o descobrimento do Brasil, observamos a relevância dada ao contexto natural das terras brasileiras primeiramente ocupadas pelos primeiros e autênticos habitantes do Brasil; os índios.

O descobrimento do Brasil data de 22 de Abril de 1500, quando os portugueses, em torno de 1.100 homens desembarcam no litoral. Quando se fala em descobrimento do Brasil vem às nossas mentes as descrições feitas por Pêro Vaz de Caminha quando escreve ao rei de Portugal Dom Manuel I, enfatizando as belezas naturais brasileiras, “a terra em que se plantando tudo dá”, esta foi a forma em que Caminha escreveu ao rei de Portugal. Esta carta chegou às mãos do rei em dois de maio, o que torna exposto a riqueza natural do Brasil.

Tendo por base os ideais capitalistas e a constante busca pelo poder, Portugal dá início a corrida a procura de riquezas, este é um forte aspecto da nossa história que traz consequências até os dias atuais quando pensamos na gênese da problemática ambiental. Um marco que pode ser considerado como o que deu início a devastação das matas brasileiras segundo Raminelli (in. REIGOTA 2008) seria a derrubada de uma árvore para a confecção de uma cruz de madeira em torno da qual foi rezada a primeira missa do Brasil.

Essa postura do homem na época de nossa colonização nos faz crer que o pensamento da época perante as riquezas naturais do Brasil não tinha uma preocupação com o fim dos recursos, ou seja, esta linha de raciocínio demonstra o quão ínfima era a relação entre consumo de algo com sua origem natural, ou seja, não se pensava que toda a riqueza natural encontrada aqui poderia vir a ser extinta pelo uso errôneo e inconsciente.

Tal pensamento é um tanto comprovado na carta de Pêro Vaz<sup>2</sup> que nos remete a impressão tida na época do descobrimento, da valorização ao natural,

Tem ao longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras, delas vermelhas, delas brancas; e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta, é tudo praia-palma, muito chã e muito formosa. ( 1963, p.10)

Resgatando os primórdios da História do Brasil identificamos que as relações entre o homem e a natureza tiveram início em nossa cultura como a maior fonte de riqueza e consequentemente ganância e cobiça características da era das descobertas de novas terras continentais, impulsionados pelos primeiros indícios capitalistas além do apogeu da expansão marítima de Portugal.

Acerca disso, afirma ainda Raminelli (2008, p. 44) que:

Os conquistadores eram impulsionados pela cobiça, pela possibilidade de enriquecimento e glória. Se no Novo Mundo encontrassem ouro, prata e especiarias se tornariam homens ricos, comprariam terras e castelos e viveriam, talvez, como nobres no seu rincão de origem.

O capitalismo traz suas consequências e diante tais acontecimentos não demorou muito para a árvore que deu origem ao nome do Brasil se tornasse

---

<sup>2</sup> Carta a El Rei D. Manuel, Dominus : São Paulo, 1963. **Texto proveniente de:**  
A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

extinta. Três anos após o descobrimento, o pau-brasil passou a ser comercializado e apenas em 1542 é que a primeira Carta Régia do Brasil estabelece normas para o abuso do corte de madeira, com tudo isso, em 1920 o pau-brasil é considerado extinto, isto ocorre durante a presidência de Epitácio Pessoa, época esta em que o Brasil famoso por suas florestas é o único a não possuir um código florestal.

Através da nossa trajetória histórica podemos destacar a forte presença do capitalismo como um ponto a ser considerado nas relações do homem com o meio ambiente, em se tratando da realidade brasileira, observamos que desde os primórdios da construção da nossa cultura, desde a era da nossa colonização o Brasil apresenta uma relação de intensa contradição entre o natural e o social, é, portanto, a partir dessa realidade que se faz importante a análise de tal relação para um melhor desenrolar do histórico da educação ambiental no Brasil.

Não muito distantes desta realidade nos encontramos atualmente em situação não muito distinta, afinal os recursos naturais são tidos como fonte de lucro para o capitalismo, observamos, portanto, que desde os primórdios de nossa civilização, ou seja, do descobrimento do nosso país podemos perceber que a relação que o homem vem estabelecendo ao longo da sua história com a natureza vai além de questões de sobrevivência, mas sim também no acúmulo de capital priorizando o lucro a qualquer custo.

Ainda em 1972 temos no Brasil a primeira avaliação do impacto ambiental, a partir da construção da Usina Hidrelétrica de Sobradinho na Bahia. Já em Pernambuco na Universidade Rural uma preocupação que resulta numa campanha nacional para o replantio do pau-brasil, considerada patrimônio ambiental extinta em 1920 aqui já mencionada. Tal iniciativa obtém resultados positivos a partir da distribuição de mudas no Brasil.

Observamos, portanto, que nossa conjuntura colonial se deu de forma inconsequente impulsionada pela ambição de novas riquezas a partir da natureza, é claro neste panorama que a exploração foi de fato algo que deixou grandes cicatrizes que perduram até os dias de hoje e este fato mais adiante se encontra com o desenrolar das relações capitalistas com o advento da Revolução Industrial.

### 3.3 A sociedade de consumo: trajetórias e consequências

Com a Revolução Industrial no século XVIII a humanidade se depara com novos padrões de vida, motivados pelo surgimento das grandes indústrias nas cidades grandes sendo assim, considerada parte da população migra do campo rural para a cidade e drasticamente mudam seu modo de vida. As grandes ofertas de empregos e formação para o setor industrial alterou a vida na cidade, a qual agora seria caracterizada pelo aumento do padrão de consumo. De acordo com Desjeux (2006), o consumo torna-se fator chave para compreender as classes sociais nas sociedades industriais modernas e urbanas.

A Inglaterra passa a ser grande polo da Revolução Industrial expandindo o capitalismo no mundo, a monocultura perde lugar para a indústria especializada assim a sociedade rural passa a consumir/ comprar produtos ao invés de produzir. O mundo atravessa uma grande mudança e logo após a Primeira Guerra Mundial a sociedade se caracteriza através do uso do automóvel que foi produzido em larga escala por Henry Ford e torna-se grande símbolo da sociedade de consumo por proporcionar o acesso aos centros comerciais. De acordo com Desjeux (2006, p.47):

O carro condiciona a mobilidade até o local de trabalho, os lugares de lazer e de compras e, conseqüentemente, à aquisição dos bens de consumo.

A Revolução Industrial passa então a produzir suas criações ocorre também o surgimento dos eletrodomésticos e seu desenvolvimento além também do avanço do plástico em 1930 e do *Tupperware*<sup>3</sup>.

Remetemos-nos a fantástica obra de Charles Chaplin intitulada “*Modern Times*”<sup>4</sup> (Tempos Modernos de 1936) e podemos observar que a indústria passa a ditar o processo de trabalho escravo em busca de capital, a sociedade

---

<sup>3</sup> Tupperware - Earl Silas Tupper, resolveu utilizar polímeros caros em substituição ao plástico barato. Seu objetivo era encontrar uma maneira de produzir um plástico leve, flexível, inquebrável e que fosse proveitoso para o uso na cozinha. Suas experiências resultaram no plástico versátil chamado polietileno (*poly-T*) em 1942. Disponível em : <http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2006/05/tupperware-always-fresh.html>

<sup>4</sup>Modern Times– Tempos Modernos: [filme](#) de [1936](#) do cineasta [britânico Charles Chaplin](#), em que seu personagem tenta sobreviver em meio ao mundo moderno e [industrializado](#). É considerado uma forte crítica ao [capitalismo](#), bem como uma crítica aos maus tratos que os empregados passaram a receber depois da [Revolução Industrial](#). Disponível em : [http://pt.wikipedia.org/wiki/Tempos\\_Modernos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tempos_Modernos)

portanto, passa a estabelecer um sistema social a partir do trabalho e do consumo.

O século XX então chega marcado pelo fordismo, e a produção em grande escala é feita através de máquinas simultaneamente crescem os desejos por bens materiais, chegamos aos *anos dourados*<sup>5</sup> os quais correspondem aos anos de 1950 e 1960, são a época em que surgem as grandes redes de supermercado e a comida enlatada ganha espaço nas prateleiras, as latas coloridas e com rótulos em 360º graus não só passam além de informações sobre o produto como também seduzem os consumidores, a partir deste ponto de vista o consumo é tido como algo deslumbrante através de seus produtos e facilidades e esse aspecto torna-se o centro da sociedade contemporânea.

Vemos, portanto, que o consumo se torna pauta da vida do indivíduo e como afirma Blauth e Abuhab (2006) tanto para quem tem condições financeiras como para quem não tem e apenas deseja consumir. Em Baudrillard (1995) os objetos consumidos funcionam como signo que distingue ou filia o indivíduo a um determinado grupo social, através de um processo de diferenciação estatutária que o insere na sociedade.

Segundo Desjeux (2006), a modernidade se situa na visão de consumo como um fator de inclusão ou exclusão social. Ser excluído do consumo é viver como excluído da sociedade.

A sociedade pós Revolução Industrial se caracteriza como a sociedade do consumo em que a abundância dos bens materiais são produzidos em larga escala pelo sistema industrial, marco forte do capitalismo o bombardeio de produtos visando a venda e o acúmulo de capital faz surgir um novo termo do mundo contemporâneo que vem a ser a sociedade de consumo.

Segundo Baudrillard (2002):

A nossa sociedade pensa-se e fala-se como sociedade de consumo. Pelo menos, na medida em que consome, consome – se enquanto sociedade de consumo em ideia. A publicidade é o hino triunfal desta ideia. (p.264)

---

<sup>5</sup> Anos Dourados - Era o tempo em que enceradeiras, liquidificadores, panelas de pressão, vitrolas de alta fidelidade e televisores eram as grandes novidades. Estes bens de consumo mudaram muito a vida dos brasileiros, eram o retrato do *American Way of Life* no Terceiro Mundo. Disponível em <http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/anos-dourados/>

De acordo com o documento - Manual sobre Consumo produzido pelo Ministério da Educação – MEC e o Ministério do Meio Ambiente – MMA o conceito de sociedade de consumo se apresenta da seguinte forma:

O termo sociedade de consumo é uma das inúmeras tentativas de compreensão das mudanças que vêm ocorrendo nas sociedades contemporâneas. Refere-se à importância que o consumo tem ganhado na formação e fortalecimento das nossas identidades e na construção das relações sociais. (BRASIL, 2005, p. 15).

O fato que pode ser observado atualmente é que a sociedade se configura em uma nova ordem que tem como traço marcante o consumo, o qual vem transformando cada vez mais rápido as relações sociais, humanas, políticas e também o panorama ambiental, uma vez que toda matéria prima é oriunda da natureza.

Observa-se, portanto, diante uma nova realidade da humanidade nos dias de hoje; o crescente apelo capitalista em cada vez mais incentivar o consumo de bens materiais em contrapartida a essa realidade o universo ambiental que se apresenta como algo limitado se não administrado com responsabilidade.

Como mencionado acima o termo “sociedade de consumo” se apresenta como a nova fase da humanidade que caminha a largos passos para um descontrole e desequilíbrio do nosso habitat natural, ou seja, estamos em um panorama em que consumimos, mas do que o planeta suporta, desta forma caminhar nesse sentido é não enxergar as consequências do consumo exagerado em que denomina-se toda uma sociedade.

### 3.4 Consumo e consumismo: duas faces da mesma moeda

O consumo vem ser a grande característica das sociedades em sua maioria é ele que permeia atualmente as relações sociais e tem afetado de forma grandiosa todos os aspectos da humanidade, entre eles o mais preocupante diz respeito ao meio ambiente. Desjeux (2006) afirma que atualmente existe uma tensão entre crescimento econômico, desenvolvimento sustentável e igualdade social, uma equação impossível de se resolver sem

tensão, tanto no nível nacional como mundial. Além disso, a autora considera ainda que a questão do aquecimento climático é muito ligada à do consumo.

Pode-se assim enxergar que existe em meio a tanta tensão uma falta de coerência, em que não se raciocina o quanto podemos realmente extrair dos recursos naturais para a grande demanda de fabricação de produtos e oferta de serviços cada vez mais valorizada pela sociedade.

É fácil quando somos capazes de diferenciar os termos consumo e consumismo, pois a partir desta distinção podemos compreender melhor o impacto de uma sociedade que prioriza não só o consumo, mas que é fadada ao consumismo.

Podemos compreender por consumo o ato em que o indivíduo adquire para si apenas aquilo que é de real necessidade para uma sobrevivência equilibrada e saudável. Outra conceituação para o termo é apontada por Nunes<sup>6</sup> (2008) quando menciona que o termo consumo designa o ato econômico que permite concretizar a satisfação de determinada necessidade através da utilização de determinado bem.

O consumo por si só tem uma definição clara e objetiva quando diz respeito a suprir uma necessidade, sem comprometer a noção do sujeito em adquirir mais do que lhe é útil para uma determinada finalidade. Sendo assim o consumo é algo necessário a vida humana, mas o que vem ocorrendo é uma inversão de valores, não apenas o necessário torna-se prioridade é então que surge o consumismo.

Eis que surge um consumo exagerado, o qual pode ser chamado de consumismo. No Manual de Educação para o Consumo Sustentável podemos chamar de consumismo a expansão da cultura do “ter” em detrimento da cultura do “ser”. (BRASIL, 2005, p. 15). Blauth e Abuhab (2006) acrescenta a discussão um ponto de vista real presente na análise do consumo na sociedade:

Alimentado pela mídia e por uma tecnociência que pouco se preocupa com o ambiente e a sociedade, o consumismo é uma doença social, cujo principal sintoma é a compulsão pelo consumo. (p. 26)

---

<sup>6</sup> Paulo Nunes - Economista, Professor e Consultor de Empresas. Data de criação: 31/10/2008. Disponível em: <http://www.knoow.net/cienceconempr/economia/consumo.htm#vermais>

De acordo com a afirmação acima podemos observar que o consumismo vem a ser uma forma errônea de se pensar as reais necessidades do ser humano, o consumismo passa a ser um processo alienatório que nos impulsiona ao querer ter, sem levar a questionar o porquê de se realmente consumir algo por necessidade ou simplesmente por um apelo da mídia, da moda, da sociedade, etc.

Podemos observar novamente em Blauth e Abuhab (2006) um ponto claro e importante do consumismo e suas consequências:

Um exemplo é a explosão de venda de celulares para jovens e, mais recentemente o desenvolvimento de “celulares-brinquedos” para crianças mostra uma lógica perversa: somos educados para o consumo desde a infância, quando nossa capacidade crítica ainda não está desenvolvida. (p. 26).

Este exemplo é bastante pertinente, o fato de o autor afirmar que “*somos educados para o consumo desde a infância*”, isso é um ponto de extrema preocupação, os que irão tornar-se crianças que desde cedo consomem, quando ainda não sabem discernir a consequência dos seus atos? Tornar-se não apenas consumidores, pois isso todo sujeito é, afinal de contas é assim que se vive como meros consumistas inertes a um sistema em que o material é o que importa sem saber que por trás de todo seu processo existe o meio ambiente que possui um valor intrínseco e que vem sendo prejudicado.

Vale salientar que existe uma diferença entre consumidor e consumista e é este último que está caracterizando os indivíduos nos dias de hoje a começar desde cedo pelo público infantil.

Toda essa realidade nos posiciona perante uma situação que atualmente parece difícil de ser modificada, quando educa-se as crianças desde muito cedo para serem inseridas no mundo das compras e incentivo ao consumismo, toda sua personalidade vai sendo construída através de modelos capitalistas de compras exageradas e sem real necessidade, a criança logo se torna adolescente naturalmente com a mesma mentalidade que lhe foi talhada em sua infância e por fim torna-se um adulto consumista e perfeita peça à engrenagem da sociedade de consumo.

Sendo assim, torna-se um tanto quanto difícil fazer com que os indivíduos compreendam que existe uma relação no meio deste caminho de consumo inconsequente e inconsciente; uma linha tênue, entre o consumo e o

meio ambiente: uma relação frágil em que depende bastante do senso crítico de cada um depende de uma educação ambiental de base a qual o sujeito possa compreender que ele é, e faz parte do meio natural/ ambiental, o que é primordial para sua existência.

O conceito de consumo traz a tona o debate sobre até que ponto este processo passa a ser prejudicial ao equilíbrio ambiental uma vez que o consumo sendo praticado de forma exagerada torna-se consumismo, sendo este o mal da humanidade atualmente caracterizando o a sociedade como palco para seu desenvolvimento cada vez mais insustentável.

### 3.5 Chegando aos dias atuais

Após fazer um breve panorama desde os primórdios da colonização no Brasil esta que coincide com a queda do sistema feudal e conseqüentemente o surgimento de uma nova ordem econômica, o início do sistema capitalista representa um marco para as relações humanas globalmente.

O Brasil é, portanto colonizado num cenário caracterizado pela busca de riquezas e neste aspecto a não chegada às Índias e sim em terras brasileiras aguça a ganância e o poder do europeu ao se deparar com tamanha fonte de riquezas naturais jamais descobertas antes.

Esse marco é presente até hoje, quando apresenta uma legislação ambiental que caminha a passos lentos, que é conivente algumas vezes com crimes ambientais. A mentalidade do inesgotável parece ainda vigorar em tempos de escassez de recursos naturais, além da venda e consumo frutos de práticas insustentáveis em nossa sociedade.

Em apenas poucas décadas houve o surgimento de uma preocupação planetária. A humanidade absorveu todos os padrões de vida capitalista de forma rápida e voraz engolindo toda e qualquer prática econômica distinta de seus princípios consumistas.

Segundo Pinsky (2008) o planeta não resistirá a uma inversão de valores tão profunda, que transforme, pura e simplesmente, cidadãos em consumidores.

Os indivíduos encontram-se envoltos numa cadeia em que o consumismo vem ameaçando o meio ambiente e pouca parte da população mundial leva esse risco a sério.

Neste aspecto Morin (1999) afirma que a hiperespecialização impede de ver o global (que ele fragmenta em parcelas), bem como o essencial (que ela dilui). Sendo então em meio a situação e superficialidade da realidade que é imposta diante nós, a dispersão toma conta do que realmente acontece em meio às transformações sociais.

Um ponto é primordial a partir desta realidade: a fragmentação dos fatos, dos conhecimentos, das informações não se conecta para a obtenção de um visão do todo, os indivíduos não percebem a relação de dependência dos casos entre si. Os indivíduos estão condicionados a um sistema que perturba a visão sistêmica das relações socioambientais, da nossa relação de dependência como o ambiente, cada vez mais o ser humano se considera a parte deste processo. Com relação a este ponto Capra (2006, p.48) nos diz que:

[...] temos dificuldade para pensar em termos sistêmicos porque vivemos numa cultura materialista, tanto com respeito a seus valores quanto à sua visão de mundo essencial.

A sociedade de consumo consequência do consumo exacerbado traz em sua essência uma visão distorcida de que tudo possui uma relação sistêmica, a qual vem sendo desconfigurada atualmente.

Mais especificamente observamos em Moraes (2008, p. 249) que:

Assim, o viver humano, o conhecer e o aprender acontece a partir das relações, e o que acontece em qualquer relação tem consequências em nossa corporeidade, em termos de mudanças estruturais. (p. 249)

Desta forma é perceptível uma relação entre os fatos, todas interligadas numa teia que envolve indivíduos e ambientes.

Para melhor compreender o porquê, Leff (2007, p. 62) aponta uma causa importante:

Uma das principais causas da problemática ambiental foi atribuída ao processo histórico do qual emerge a ciência moderna e a Revolução Industrial. Este processo deu lugar à distinção das ciências, ao fracionamento do conhecimento e à compartimentalização da realidade em campos disciplinares

confinados, com o propósito de incrementar a eficácia do saber científico e a cadeia tecnológica de produção.

Verificamos, então que o que encontramos atualmente é uma sociedade de caráter consumista que teve seu berço na Revolução Industrial e que estabelece nos indivíduos um conceito de segregação de conceitos comprometendo princípios e valores.

### 3.6 A educação ambiental como princípio norteador para uma sociedade sustentável

Antes de tudo, pode-se repensar como e porque a educação se torna tão fundamental para este estudo, uma vez que a relação que o homem estabelece com o meio ambiente perpassa pela via educativa. No presente capítulo será descrito o pensamento acerca do conceito e prática pedagógica sobre a Educação Ambiental dos professores envolvidos na pesquisa.

Existe, portanto, vários sentidos para a educação, já em Freire (1996), observamos que para ele a educação é um processo de comunhão entre os homens e o mundo, ou seja, os homens se educam entre si mediados pelo mundo.

Como aqui é discutido as relações humanas e suas interferências no meio natural, destaca-se o processo educativo como alicerce da construção para uma sociedade em que os sujeitos tenham a capacidade de estabelecer comportamentos e ações que tragam benefícios para os indivíduos viverem em situação de equidade socioambiental.

O termo “Educação Ambiental” surgiu então pela primeira vez na década de 1970, destinada a qualificar iniciativas educacionais, voltadas especificamente para o conhecimento e a preservação do meio ambiente. A Educação Ambiental deve ocorrer de maneira relacionada com a ação do homem e suas causas, podemos compreendê-la ainda como uma mudança de valores no âmbito social.

Sobre a conceituação de EA, Branco (2003) aponta que seria a educação ambiental um conjunto de iniciativas de cunho educativo de todos os setores da sociedade, na busca por uma consciência ambiental.

Em Reigotta (1995, p.37) observar-se que:

A educação ambiental é uma proposta que altera profundamente a educação como a conhecemos, não sendo necessariamente uma prática pedagógica voltada para a transmissão de conhecimentos sobre ecologia. Trata-se de uma educação que visa não só a utilização racional dos recursos naturais [...] mas basicamente à participação dos cidadãos nas discussões e decisões sobre a questão ambiental.

Esta concepção da EA traz em suma uma mudança de paradigma na educação de um modo geral, uma vez que insere princípios holísticos e de visão socioambiental que vai além de conhecimentos definidos como padrões.

Em Abílio (2008), pode-se perceber uma definição da EA como processo educativo idêntico à educação formal, só que dando-lhe uma dimensão ambiental contextualizada e adaptada à realidade interdisciplinar, vinculada aos temas ambientais locais e globais. Essa definição proposta por Abílio nos lança perante um novo processo de emancipação do contexto ambiental permeando a educação atualmente, o mesmo enfoca que é necessário uma educação acoplada com os contextos ambientais de forma local e global.

Em Sato (2002, p.23) evidenciado que:

A Educação Ambiental é um processo de reconhecimento de valores e clarificação de conceitos, objetivando o desenvolvimento das habilidades e modificando as atitudes em relação ao meio, para entender e apreciar as inter-relações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios biofísicos. A Educação Ambiental também está relacionada com a prática das tomadas de decisões e a ética que conduzem para a melhoria da qualidade de vida.

Sendo assim, as conceituações dos teóricos acima sobre a EA trazem todos em sua essência uma nova postura de se pensar uma educação contextualizada de com o panorama ambiental que posiciona o sistema educacional perante uma nova necessidade de saber, de conhecimento necessário ao desenvolvimento de toda sociedade. A EA vem ser um elo significativo entre as relações humanas e a interação dos indivíduos no habitat natural de suma importância para o desenrolar de novas posturas dos indivíduos atualmente.

A EA vem ser concebida como um processo educativo de caráter modificador da relação homem/ meio ambiente no qual o individuo venha não

apenas perceber, mas também compreender sua interação com o meio socioambiental.

Assim, a discussão acerca da EA interage devidamente à pesquisa aqui retratada, uma vez que o foco acerca do consumo sustentável e consciente dentro do âmbito escolar se apresenta como uma temática a ser trabalhada com a comunidade escolar, pois a EA se apresenta como um princípio para a formação de um sujeito consciente.

### 3.7 Pedagogia e Educação Ambiental: práxis e criticidade

A pedagogia é tecida a partir de aportes de vários saberes tais como filosofia, sociologia, psicologia, biologia tornando-se uma via do saber carregada de conceitos e complexidade. Além deste cenário a pedagogia traz em sua natureza as características essenciais tais como; as teorias da aprendizagem, do ensino, da didática, da metodologia, etc. Mas essa ciência do saber vai além de técnicas e normas de ensino e aprendizagem voltadas apenas a sala de aula, a pedagogia carrega consigo os princípios da educação, a importância da formação humana para o caminhar da humanidade.

Assim esta ciência vem ser para a educação a ferramenta para atingir eixos norteadores em busca do crescimento do indivíduo como sujeito aprendente.

Analizando o campo da educação, processo este essencial a formação humana Durkheim (1978) aponta que:

A educação é a ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social: tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina. (p. 41)

Essa ação descrita acima pelo autor reflete que a educação vem a ser um processo social que insere o indivíduo em um contexto que o coloca no cenário como cidadão crítico podendo ser atuante em suas práticas e ações. A educação tem sua importância em todos os aspectos de formação dos indivíduos, é esta que vem a ser o molde do que se espera de uma sociedade.

Pensar a pedagogia atrelada a EA é poder evidenciar uma verdadeira práxis voltada a uma necessidade urgente que emerge nos dias de hoje perante o mundo capitalista.

Observando o contexto histórico do século XXI, nota-se que em seus primeiros momentos traz resquícios de uma época em que muito já se degradou, prejudicou e negligenciou a respeito de uma educação voltada a relação do homem com o meio ambiente. Em Leff (2008,p.265) observar-se que:

Isto implica em educar para formar um pensamento crítico, criativo, e prospectivo, capaz de analisar as complexas relações entre processos naturais e sociais, para atuar no ambiente com uma perspectiva global [...] .

A partir deste raciocínio é essencial perceber que uma pedagogia voltada para a EA pode vir a contribuir para essa efetivação do saber ambiental. Ver-se ainda que a pedagogia atrelada aos princípios da EA traz em suma uma nova prática que emerge de uma falha em dissociar o indivíduo do campo ambiental.

Essa nova postura torna-se implícita e quase de forma apelativa carrega consigo a necessidade de voltar a pedagogia para este campo em que aponta Freire (1997,p.30):

Por que não aproveitar a experiências que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes

É então que a problemática ambiental remete a um enfoque pedagógico, à uma nova roupagem de uma educação comprometida com a realidade do que se faz presente no dia a dia dos indivíduos. Leff (2008,p.257), a este respeito discorre ainda que :

A educação ambiental traz consigo uma nova pedagogia que surge da necessidade de orientar a educação dentro do contexto social e na realidade ecológica e cultural onde e situam os sujeitos e atores do processo educativo.

Essa nova pedagogia atrelada a EA se apresenta de forma coesa traçando um novo caminho para as práticas pedagógicas em EA, pois ao se ter

a sensibilidade de perceber que o meio traz as causas do estudo necessário ao desenvolvimento de ações concretas que atinjam o objetivo que é relacionar teoria e práxis para tornar possível uma mudança, ou seja, uma transformação do conhecimento.

Existe no meio de toda essa transformação, o rumo que cada educação pode tomar, ou seja, a educação pode ter uma postura conservadora associada a determinadas ideologias do sistema dominante ou aderir as novas práticas e necessidades pedagógicas de uma sociedade.

Neste debate uma análise pertinente se faz necessária como cita Lima (2009):

Há, por exemplo, a crítica a uma visão de educação como difusão de conhecimentos que se alicerça numa relação assimétrica, opressora e apassivadora entre o educador e o educando, bem explorados pelas pedagogias críticas entre as quais se destaca a pedagogia freireana, de forte presença no seio da EA crítica. Inspirada nesses propósitos, faz-se a defesa de uma pedagogia que entende educação e conhecimento como uma construção social dialógica e coletiva, que persegue o pensamento crítico, a formação de sujeitos emancipados e a transformação da realidade sociocultural e política. (p. 156)

A EA, portanto deve estar configurada em um modelo de educação comprometido com a práxis, esta que por sua vez é fundamental para a construção do conhecimento focado na vivência da teoria adquirida em sala de aula que deve ser experimentada no mundo físico para que possa levar o indivíduo a reflexão de praticar e compreender seu conhecimento.

Pode-se por assim concluir que uma nova pedagogia surge no cenário ambiental e de acordo com Luzzi (2012), se trata de uma pedagogia que rejeita os reducionismos e as simplificações do processo educativo.

Essa nova pedagogia adota o termo ambiental e tem por objetivo resignificar a prática pedagógica como elo mediador da relação do homem com o meio ambiente de forma coerente e desenvolvendo no sujeito uma personalidade crítica perante os novos fatos sociais.

Refrindo-se a uma educação voltada para uma sociedade de consumo, nota-se que a EA atrelada a uma pedagogia ambiental se configura como elo norteador para uma melhor formação do sujeito consciente de suas práticas, de sua relação com a natureza, atingindo não só a práxis como também a criticidade do ser.

## 4 MATERIAL E MÉTODOS

Com a escolha do campo de pesquisa, a partir de ausências de práticas pedagógicas em EA e, sobretudo com o foco na temática do Consumo Sustentável em agosto de 2011 tiveram início toda preparação e diagnóstico da área de estudo. Ambas as escolas foram visitadas durante todo o mês de agosto para a identificação não apenas da estrutura física como também na vivência cotidiana da escola.

O procedimento da pesquisa foi realizado em etapas. A primeira etapa foi a observação das escolas no seu aspecto físico: seu entorno, em que região se situavam, suas condições de infraestrutura na rua e no bairro em que estava localizada.

O uso do registro através de fotos das dependências físicas das escolas foi pertinente para comprovar a análise que era registrada em cada através da observação. Descrito cientificamente como observação participante que de acordo com Gil (2010,p.103):

A observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo, ou de uma situação determinada.

A segunda etapa foi observar a estrutura funcional e administrativa dentro da escola, quais os problemas que a comunidade escolar passava em seu dia a dia, como era o cotidiano dos alunos e professores, quais suas dificuldades. Visitas à direção e sala de professores também fizeram parte da observação do parâmetro administrativo.

E por fim, foi analisado a turma que seria trabalhada aqui em questão o 7º ano. Conhecer a turma especificada foi essencial para desenvolver uma metodologia coerente com as demandas da turma.

Nesta última etapa se deu a aplicação do pré-teste para mais significativamente obter dados e contextos para a pesquisa. Segundo Gil (1999), o pré-teste de um instrumento de coleta de dados tem por objeto assegurar-lhe validade, clareza dos termos e precisão.

Essa análise de observação serviu de base para fundamentar e preparar as práticas pertinentes para cada campo de estudo de acordo com suas realidades visando a melhoria de seus obstáculos cotidianos. É considerado

como afirma Poupart et al. (2008) que se deve tomar noção do universo de análise ao pé da letra: o universo sobre o qual o pesquisador trabalha, ou o que ele tem ao seu alcance.

Sendo assim a primeira etapa desta pesquisa se deu a partir da observação do campo a ser explorado, que aqui retratado é a escola, com isso as observações serviram de alicerce para a construção e formulação de questionamentos relacionado aos objetivos da pesquisa.

A última etapa da pesquisa se deteve a aplicação dos pós - teste com os alunos, para analisar os resultados obtidos de acordo com o tema proposto.

Após a percepção do campo de pesquisa, a próxima etapa seria, portanto, para questão dos conhecimentos e conteúdos a ser vivenciados com os alunos. Esse conhecimentos foram passados através de oficinas pedagógicas que segundo Mutschele e Gonsales (1998), as oficinas contribuem para fomentar a compreensão acerca de um determinado assunto para que os alunos possam refletir sobre as atividades experimentadas, atividades estas que devem apresentar um caráter lúdico.

Pudemos reconhecer que os usos das oficinas proporcionaram a troca de experiência através de uma reflexão crítica, em que a prática e a teoria se apresentaram de forma homogênea, tendo ainda como destaque a descoberta de novas formas de interação do saber.

Em Ferreira (2001) podemos identificar que a metodologia das oficinas pedagógicas permite ao aluno e ao professor a troca de experiências, ou seja, é trazido para a sala de aula as concepções dos alunos a cerca de determinado assunto, no nosso caso especificamente foi as noções prévias de meio ambiente que os alunos traziam a cada oficina, permitindo a interação social e contribuindo significativamente para a realização das oficinas de meio ambiente.

Em Andrade (1996), observamos que as questões voltadas ao meio ambiente, podem fazer uso segundo o mesmo de oficinas ecológicas, as quais têm como objetivo proporcionar de forma prática a vivência atrelada ao meio natural, a aspectos relacionados a natureza e a interação do homem.

Através do quadro I, abaixo pode ser visualizado a forma geral, a ordem, o período de aplicação, a metodologia e os conteúdos abordados durante as oficinas pedagógicas trabalhadas no quadro abaixo:

**Quadro I** - Oficinas pedagógicas desenvolvidas durante o projeto.

| <b>Oficinas pedagógicas desenvolvidas durante o projeto</b>                | <b>Período</b> | <b>Metodologia aplicada</b>                                                                             | <b>Temas/ elementos da Educação ambiental</b>                                         |
|----------------------------------------------------------------------------|----------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. Oficina de sensibilização – O ambiente em que vivo                      | Março 2012     | Vídeo: Respire<br>Dinâmica de grupo (Apresentação)                                                      | Conceito de “meio ambiente”. O lugar do homem na natureza.                            |
| 2. Oficina de sensibilização - O meu modo de viver afeta a meio ambiente?  | Março 2012     | Vídeos:<br>Desenvolvimento Sustentável, dinâmica de grupo                                               | Conceito de “Desenvolvimento Sustentável”.                                            |
| 3. Oficina: Visita de campo                                                | Março 2012     | Visita ao Sesc Gravatá-Escola A;<br>Visita ao Jardim Botânico- Escola B                                 | Preservação de áreas verdes                                                           |
| 4. Oficina: Pequenos pingos, grandes gastos: consumo e desperdício de água | Março 2012     | Explicação através de vídeos educativos e discussão sobre o tema                                        | Contextualização sobre uso consciente da água                                         |
| 5. O que é consumo? Consumo consciente o que é isso?                       | Abril 2012     | Explicação através de vídeos educativos                                                                 | Conceito de consumo e consumo consciente                                              |
| 6. Oficina: Tv e consumo tudo a ver?                                       | Maio 2012      | Oficina de colagens de anúncios de propaganda                                                           | A TV , a mídia como fenômeno aliado ao consumo desenfreado                            |
| 7. Oficina: Consumo de Energia                                             | Junho 2012     | Explicação através da leitura de uma conta de energia.                                                  | Contextualização sobre Consumo de energia/Impacto ambiental através das hidrelétricas |
| 8. Oficina: Jornal Mural                                                   | Julho 2012     | Explicação através de notícias relacionadas ao meio ambiente através do uso de jornais                  | Problemas ambientais da minha cidade                                                  |
| 9.Oficina: Sou consciente, sou responsável?                                | Agosto 2012    | Explicação sobre nossas ações e responsabilidades                                                       | Ética, cidadania e o conceito de carta da terra                                       |
| 10. Oficina: Consumo de papel                                              | Setembro 2012  | Explicação sobre o consumo de papel e as árvores                                                        | Desmatamento/Di a da árvore                                                           |
| 11. Oficina: Percebendo o planeta como ecossistema                         | Outubro 2012   | Explicação sobre a dinâmica do planeta/Vídeo: A História das coisas/Discussão final / dinâmica de grupo | Conceito de ecossistema/Consumo Sustentável                                           |

#### 4.1 Procedimentos de coleta de dados

Para que o objetivo da pesquisa fosse alcançado escolheu-se por metodologia uma análise fenomenológica a qual de acordo com Gil (1999), coloca que o estudo fenomenológico se dá através de princípios tidos como verdadeiros e permite chegar a conclusões em virtude unicamente de sua lógica, pois ele procura mostrar o que é dado e em explanar esse dado, considera o que está presente à consciência. Os procedimentos metodológicos têm três etapas: 1) observação da estrutura física e funcional das escolas; 2) Análise da percepção dos professores acerca do tema e dos sub-temas da pesquisa; 3) aplicação de questionários estruturados.

#### 4.2 Universo pesquisado

A pesquisa em questão foi realizada dentro do ambiente escolar. Foram escolhidas duas escolas da rede pública de ensino para a realização do estudo. Uma escola da rede estadual de ensino, e a outra da rede municipal de ensino nas quais foram: Escola Municipal de Ensino Fundamental General Ângelo Francisco Notare localizada na Praça Dom Vilas Boas, 27 no Bairro Jardim Treze de Maio e a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Alice Carneiro localizada na Avenida Sapé no Bairro de Manaíra ambas na cidade de João Pessoa. Dentro destas foi escolhido o 7º ano do ensino fundamental II, tal modalidade foi selecionada primeiramente devido ao conteúdo programático e curricular do ano em questão e pela faixa-etária (fator importante para a discussão do tema) e maturidade dos alunos totalizando nas duas escolhas uma amostragem de 50 alunos. Contamos ainda por analisar os conceitos dos professores sobre temáticas ambientais associadas a temática da pesquisa e para este grupo foram analisados 20 professores considerando as duas escolas.

#### 4.3 Caracterização da Área de estudo ( Escolas A e B)

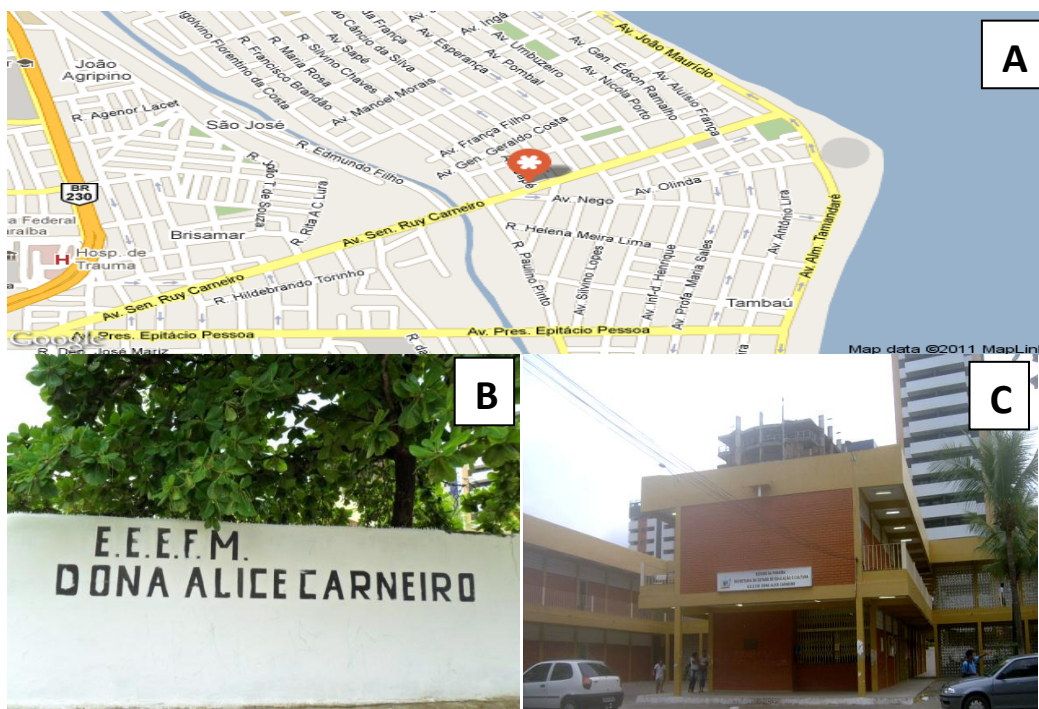
##### 4.3.1 E. E. E. F. M. Dona Alice Carneiro

A primeira escola descrita nesta pesquisa é localizada no bairro de classe média/ alta além de ser um bairro litorâneo tendo seu nome por esta

localizado na orla de Manaíra, nome que deu origem ao bairro. Limita-se com o bairro de Tambáú ao sul pela Avenida Senador Rui Carneiro, ao norte com o bairro do Aeroclube e do Bessa pela Avenida Governador Flávio Ribeiro Coutinho (Retão de Manaíra), ao oeste com a comunidade do "bairro" São José, através da divisão natural do Rio Jaguaribe e posteriormente com o bairro João Agripino e a BR-230.

A escola é composta por grande maioria de alunos residentes do bairro São José, tendo matriculados cerca de dois mil alunos, por se tratar de uma escola de grande porte devido às suas enormes dependências físicas. O entorno da escola se configura por ruas asfaltadas, rede de esgoto satisfatória, praças, entre outras facilidades que são características do bairro de Manaíra.

**Figura 01-** (A) Localização da EEEFM Dona Alice Carneiro, (B) Fachada externa da escola, (C) Área interna da escola, município de João Pessoa - PB



(Fonte: A - Google Maps, 2011; B e C – Cristhiane Cavalcanti)

#### 4.3.2 EMEF General Ângelo Francisco Notare

A Escola recebeu este nome em homenagem ao General de brigada - Ângelo Francisco Notare do primeiro grupamento de engenharia, que na época coordenava os soldados na construção do conjunto habitacional Treze de maio. Nosso primeiro campo de pesquisa localiza-se em uma região de fácil acesso em um bairro de classe média da cidade, conhecido por Jardim Treze de Maio,

ou mais popularmente chamado Treze de Maio e faz divisa os bairros: dos Estados, Centro, Tambiá, Roger, Padre Zé e Mandacaru. As ruas ao entorno da escola são asfaltadas, possuindo boa infraestrutura urbanística com rede de esgoto satisfatória, ainda nas proximidades temos 3 praças reformadas recentemente servindo de área de lazer para a população do bairro e bastante frequentada por alunos da escola.

A EMEF General Angelo Francisco Notare será mencionada ao longo desta pesquisa e descrita aqui como (escola B), para diferenciá-la da (escola A) em suas análises e características, como também mais a frente com os gráficos comparativos.

**Figura 2-** Fachada da EMEF General Ângelo Francisco Notare.



Fonte: (Cristhiane Cavalcante, 2011)

**Figura 3 -** Localização da Escola Estadual de Ensino Fundamental General Ângelo Francisco Notare no município de João Pessoa, estado da Paraíba.



(Fonte: Google Maps).

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 5.1 Diagnose de estrutura e Funcionamento das escolas pesquisadas

#### ▪ EMEFM Alice Carneiro – Escola A

A Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Dona Alice Carneiro, mais conhecida como Alice Carneiro está localizada na Avenida Sapé, s/n. Cep: 58038-380, no bairro de Manaíra, na cidade de João Pessoa, estado da Paraíba. A escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Alice foi inaugurada em 21 de outubro de 1977, pelo governador Ivan Bichara Sobreira, a qual recebeu este nome em homenagem a uma ex - primeira dama e defensora da educação na Paraíba. Tendo por entidade mantedora o Governo do Estado da Paraíba e Secretaria de Educação.

**Figura 4-** Área externa da EEEFM Dona Alice Carneiro, localizada na cidade de João Pessoa- Pb



Fonte: Cristhiane Cavalcante (2011)

A escola tem por finalidade e objetivos atender legalmente a Seção I – Da Educação – Capítulo III da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), pela lei nº 9.394/96 – Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996a), Emendas Constitucionais nº 11/96 e 14/96 e pela Lei nº 9425/96, e pelas Resoluções do Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 1996b) oferecendo educação para a população.

A predominância do público que frequenta a EEEFM Dona Alice Carneiro não difere das outras escolas públicas do município de João Pessoa: apresentam um nível sócio-econômico-cultural de baixo a médio, sendo composto em sua maioria por filhos de trabalhadores autônomos, desempregados e de comerciantes, oriundos do bairro São José. Tornou-se

evidente muitas vezes, ainda na observação para a descrição do campo de pesquisa que a violência e miséria se fazem muito presentes na vida dos alunos, dessa forma, estudar, para uns, torna-se a única forma de escapar da pobreza, e, para outros, uma atividade de rotina desvinculada das finalidades que nos levam – direção e docentes – à tarefa diária de oferecer-lhes as melhores condições possíveis de educação e inserção no ambiente social, mas que muitas vezes isso se torna bastante difícil devido às péssimas consequências ocasionadas pela extrema pobreza.

Em relação à administração e pessoal de apoio, a escola apresenta uma secretaria, uma auxiliar de secretaria, um auxiliar administrativo, três cozinheiras, quatro merendeiras, cinco auxiliares de serviços gerais, três inspetores de alunos, um porteiro e um vigia.

A EEEFM Dona Alice Carneiro possui uma área total de aproximadamente de 1.500 m<sup>2</sup>, sendo 500m<sup>2</sup> de área construída e 1000 m<sup>2</sup> de área livre. A infraestrutura da escola conta com 22 salas de aula, no entanto apenas dezessete funcionando; uma sala de informática; uma sala de reforço; oito banheiros para alunos e três banheiros administrativos; uma biblioteca; uma sala para professor; uma sala de diretoria; uma sala de almoxarifado; uma cozinha; um refeitório; uma quadra poliesportiva; estacionamento interno e um bebedouro coletivo.

**Figura 5** – Telhado solto da quadra Poliesportiva da EEEFM Dona Alice Carneiro, localizada na cidade de João Pessoa- PB



Fonte: (Cristhiane Cavalcante, 2011)

Ainda em relação à infraestrutura, a escola não apresenta sala de atendimento ao aluno, laboratório de ciências, auditório, sala de estudos e planejamento, área para lazer, sala de coordenação pedagógica, sala para

depósito, sala para funcionários, sala destinada ao grêmio estudantil, sala de música.

Pode-se analisar que a escola A atravessa um processo de implementação de uma nova gestão tanto administrativo como na esfera estadual, uma vez que não há muito tempo o estado mudou de gestão. Além de todo esse novo cenário a escola A se apresenta como uma escola de clientela de um bairro periférico, o que também influencia na qualidade da estrutura física quando os alunos oriundos da periferia têm como prática a depredação e mau uso do espaço físico da escola, ou seja, desvalorização do patrimônio público.

**Figura 6** - Biblioteca da EEEFM Dona Alice Carneiro em condições adversas ao funcionamento normal.



(Fonte: Cristhiane Cavalcante)

**Figura 7**- Vista Geral de alguns espaços da EEEFM Dona Alice Carneiro



(Fonte: Cristhiane Cavalcante 2011)

A **(Figura 7)** nos mostra uma visão geral da parte externa da escola, podendo nos mostrar que existe um descaso e abandono com as dependências de uma escola que tem uma grande área física que se encontra mal aproveitada e conservada, observamos ainda a presença da violência estampada na parede do banheiro, pichação que faz apologia a uma facção criminosa presente na comunidade do Bairro São José. Identificamos ainda na **(Figura 7)** o descarte incorreto de resíduos em troncos de árvores e em áreas verdes pela ausência de coletores apropriados e ausência de conscientização por parte da comunidade escolar e ausência de práticas em EA.

Abaixo podemos identificar que tal descaso tanto por parte dos responsáveis quanto por parte dos alunos que pouco fazem para conservar o pouco que ainda se encontra em estado regular. Na **(Figura 8)**, temos retratadas imagens da escola A, a maioria dos estragos são praticados por alunos como é o caso da **(imagem A)** do quadro negro de uma sala de aula, já na **(imagem B)** infiltrações e presença de lodo se fazem presentes também na **(imagem C)**. Na **(imagem D)**, os alunos fazem constantes pichações nas portas dos banheiros e em outras dependências da escola.

**Figura 8-** Dependências em mal estado: (A e B) salas de aula, (C, D, E ,F) banheiros e (G) bebedouros da EEEFM Dona Alice Carneiro.





( Fonte: Cristhiane Cavalcante, 2011)

Foi afirmado por um dos gestores da escola que a última reforma data de cinco anos atrás, mas que são feitos apenas reparos e não uma reforma total, além da depredação patrimonial por parte dos alunos fato este que é corriqueiro. A escola informou que já conta na Secretária de Educação do Estado um projeto de reforma da escola, assim como também um projeto de arborização para o aproveitamento da grande área externa dentro da mesma.

Apresenta um quadro docente de 30 professores no Ensino Fundamental e 39 no Ensino Médio, totalizando 69 docentes, todos apresentando formação profissional superior com formação pedagógica. O serviço técnico-pedagógico é composto por dois supervisores escolares, um orientador escolar, três gestores escolares, quatro psicólogos educacionais, além de um assistente social. Quanto ao corpo discente, o estabelecimento apresenta 1.030 alunos, sendo 680 alunos matriculados no Ensino Fundamental (504 no turno da manhã e 176 à tarde) e 358 alunos no Ensino Médio (184 alunos à tarde e 174 à noite).

- EMEF Ângelo Francisco Notare- Escola B

A segunda escola em que a pesquisa foi desenvolvida está localizada na Praça Dom Vilas Boas, 27 no Bairro Jardim Treze de Maio. A Escola Municipal de Ensino Fundamental General Ângelo Francisco Notare - escola B, tem por finalidade e objetivo oferecer serviços educacionais para as crianças e jovens, nos cursos de Ensino Fundamental I e II de acordo com o disposto na LDB 9.394/96, Deliberação CEE 01/99 e Indicação CEE 04/99 do Conselho Estadual de Educação de São Paulo.

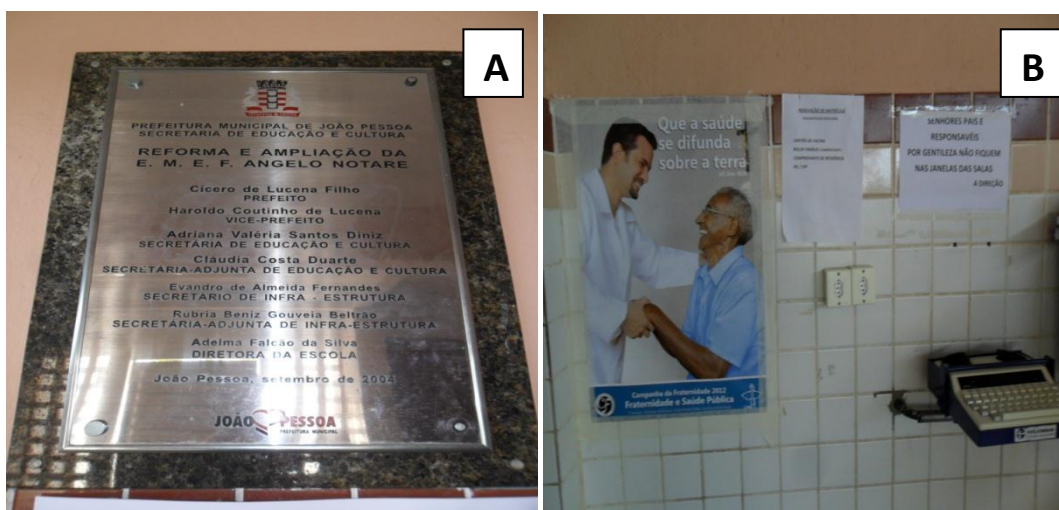
Observamos uma melhor conservação da (escola B) em relação a (escola A) é o que retrata a **(Figura 9)**, na **(imagem A)** temos a área de entrada e na **(imagem B)** a questão da limpeza é um aspecto notório nas dependências da **(escola B)**. Em termos físicos, através da **(Figura 10)** das imagens A e B pode-se observar uma distinção em relação à **(escola A)**, quanto à uma infraestrutura melhor.

**Figura 9** – Corredor de entrada da EMEF General Ângelo Francisco Notare



(Fonte: Cristhiane Cavalcante, 2011)

**Figura 10** – Ambientes da EMEF General Ângelo Francisco Notare.



(Fonte: Cristhiane Cavalcante, 2011)

A escola B tem o seu funcionamento pelo ato de criação: Decreto Lei nº 979, autorização 006/97.

A escola atende as comunidades dos bairros circunvizinhos: Mandacaru, Cidade Padre Zé, sendo a clientela, na sua maioria, jardim 13 de maio, compreendendo a comunidade Vila Japonesa e conjunto Santa Maia.

A grande maioria dos alunos matriculados são oriundos de uma comunidade carente conhecida por “Comunidade do Riachinho”, tendo esse nome devido a proximidade com um dos pontos do Rio Sanhauá. A comunidade também é conhecida pelos grandes indices de violência e

criminalidade, além de poluição ambiental correspondente ao descarte de resíduos próximo ao riachinho.

Essa comunidade também é atendida por duas escolas públicas estaduais fundamentais, Desembargador Botto de Menezes e Maria Quitéria.

Baseado no PPP da escola os primeiros dados das características socioeconômicas dessa comunidade apresenta um perfil de família, onde a maioria dos pais são separados, morando os filhos com outro cônjuge. Há ainda àqueles sob a responsabilidade dos avós paternos ou maternos. A religião predominante da clientela escolar é católica, seguida da evangélica.

De acordo com a profissão dos chefes de famílias, existe um número significativo de biscateiros, de empregadas domésticas e de desempregados. Apresentam uma renda em que predomina o salário mínimo. Existindo algumas famílias que sobrevivem com menos de um salário mínimo. Em relação a escolaridade dos pais, estes são na maioria analfabetos tendo 03 filhos, sendo que a partir dos cinco anos de idade iniciam a vida escolar.

Quanto a habitação, predomina casas de tijolos, com água encanada, energia elétrica e sistema de esgoto, com exceção do conjunto Santa Maria cujo os habitantes não se beneficiam de redes de esgotos.

A área circunvizinha a escola é tipicamente urbana, composta de: praças; hospitais (hospital Gal. Edson Ramalho e Hospital 13 de Maio); igrejas (católica e evangélica); escolas públicas e particulares; clínicas odontológicas, veterinárias e laboratoriais; farmácias; butiques, bares, armarinhos, locadoras de vídeos, salões de beleza, academia de ginástica, padarias, lanchonetes, açougues, oficinas mecânicas, peixarias, correio, multikbank e fiteiros.

Quanto ao gerenciamento de pessoal, a escola segue as diretrizes pela Secretaria de Educação e Secretaria de Administração da Prefeitura de João Pessoa. Para manter a escola, no que se refere a parte administrativa a escola recebe ao uma (01) parcela anual do FUNDEF/PDDE que é uma fonte de recursos destinada para comprar que for necessário ao funcionamento as escola, com esse recurso é adquirido material de limpeza, administrativa e material didático pedagógico.

A Escola tem em sua estrutura física, dois pavimentos, inferior a escola possui 01 sala para diretoria, 01 sala para a secretária, 01 biblioteca, 01 sala de professores, 01 sala para especialista em educação, 01 refeitório,

01cozinha, 02 banheiros para alunos e 01 banheiro para funcionário. No pavimento superior: 05 salas de aula, 02 banheiros para os alunos. Ainda contando com: 01 Biblioteca com acervo de livros considerável em são encontrados enciclopédias,clássicos da literatura brasileira e alguns de literatura estrangeira, tendo também livros destinados aos professores. Ainda dispõe de uma sala de vídeo e multimídia: recentemente no início do ano de 2011, foi conseguido para a escola um Data Show sendo utilizado na sala de vídeo que possui um DVD e uma caixa de som. Sobre o Laboratório de Ciências – Não há respectivo ambiente na escola, a biblioteca possui um esqueleto que deveria estar no laboratório caso houvesse um. A escola conta ainda com uma sala de Informática.

A **(Figura 11)** demonstra algumas dependências da escola bem conservadas e de caráter limpo, devido ao pouco espaço, os alunos fazem uso constante dos corredores nas horas de intervalo, o que caracteriza sua estrutura física um tanto limitada, uma vez que a escola não dispõe de área verde ou quadra poliesportiva.

**Figura 11-** Vista geral de algumas depêndencias: (A) corredores,(B) Sala de jogos, (C) coordenação, (D) coletor , (E) sala de aula e (F) banheiros da EMEF General Angelo Francisco Notare.



( Fonte: Cristhiane Cavalcante, 2011)

Nesta **(Figura 11)** no que diz respeito ao aspecto de infraestrutura, a (escola B) apresenta melhores condições físicas com relação à (escola A), este fator se dá tanto a administração da gestão escolar, como também ao trabalho da equipe pedagógica.

Na (escola B), podemos também identificar o fato da presença de projetos relacionados à educação ambiental, que atualmente não estão sendo desenvolvidos, mas que anteriormente fizeram parte do calendário escolar nos últimos dois anos.

Este fato reflete na boa conservação do ambiente escolar, da manutenção dos bens materiais, além de uma educação voltada para o respeito com o patrimônio público. Um fator que também interfere na análise em relação a (escola A) e a (escola B) é a demanda do número de alunos, a (escola A) possui um alunado maior, funcionando os três turnos com grande número de alunos, além de oferecer a modalidade de ensino médio enquanto na (escola B) o público só representa até a modalidade do ensino fundamental II.

**Figura 12-** (A) Bebedouros, (B) armários, (C) corredores de salas de aula e (D) refeitório da EMEF General Ângelo Francisco Notare .



( Fonte: Cristhiane Cavalcante, 2011)

Apresenta um quadro docente de 20 professores ao total sendo 5 no Ensino Fundamental I e 9 no Ensino Fundamental II, todos apresentando formação profissional superior com formação pedagógica. O serviço técnico-pedagógico é composto por uma supervisora escolar, uma orientadora escolar, três gestoras escolares, uma psicopedagoga, além de uma assistente social.

Em relação à administração e pessoal de apoio, a escola apresenta 01 secretaria, 01 auxiliar administrativo, 02 cozinheiras, 02 merendeiras, 02 auxiliares de serviços gerais, 01 porteiro e 01 vigilante.

Quanto ao corpo discente, a escola apresenta atualmente um número de 342 alunos matriculados no Ensino Fundamental correspondente do 1º ao 9º ano, além do ensino noturno EJA (81 alunos).

## 5.2 Primeiros resultados correspondentes aos sujeitos da pesquisa

- Professores:

Os docentes foram os primeiros sujeitos da pesquisa a serem abordados. Compreender a opinião destes profissionais foi de grande importância, uma vez que são eles que se encontram nas salas de aulas, e são peças fundamentais para o processo educativo. No início do ano foi desenvolvida uma palestra para os professores de ambas as escolas, a qual apresentou para o corpo docente o projeto de pesquisa aqui retratado. Após a apresentação, os professores puderam se posicionar. Na (**Figura 13**) abaixo um pouco deste momento.

**Figura 13.** Apresentação do projeto de pesquisa para os professores





Fonte: (Cristhiane Cavalcanti, 2012)

Os questionários foram aplicados com o universo de um total de vinte professores; sendo onze da Escola A (Alice Carneiro) e nove da Escola B (Ângelo Notare). Estes números correspondem aos professores de ambas as escolas que se propuseram a responder as questões por livre e espontânea vontade. Em se tratando mais especificamente sobre este universo temos na Escola A e na Escola B os seguintes professores das disciplinas curriculares que responderam a pesquisa:

**Quadro II** – Distribuição de professores e disciplinas por escola

| <b>Escola A</b> | <b>Escola B</b> |
|-----------------|-----------------|
| Ciências(2)     | Ciências        |
| Geografia       | Geografia       |
| Português(2)    | Português       |
| Ed. Física      | Inglês          |
| Religião        | Música          |
| História        | História        |
| Matemática(2)   | Matemática      |
| Inglês          | Ed. Física      |
|                 | Artes           |

Fonte: dados da pesquisa.

De acordo com o **(Quadro II)**, podemos observar que na escola A desde o início da pesquisa podemos constatar uma menor frequência dos docentes, o que é prejudicial ao se tratar de uma escola de porte grande como é o caso da escola Alice Carneiro (escola A). Já na escola B, observar-se uma maior participação dos docentes, o que reflete também nos resultados mais adiante dos alunos. Os docentes foram convidados a participar da pesquisa desde a apresentação do projeto no início do ano letivo de 2012, após uma explanação

da aplicação da pesquisa na escola, portanto, todos estavam cientes da aplicação dos questionários como já foi mencionado anteriormente.

- Alunos:

Com relação aos alunos no primeiro semestre foi feita uma observação simples do cotidiano dos mesmos, das características em relação aos interesses, comportamentos contribuindo para um melhor planejamento da proposta a ser trabalhada no ano seguinte. Esta observação feita em ambas as escolas serviu para a construção de uma metodologia atrativa que contemplasse a realidade dos alunos, para que desta forma o conhecimento passado pudesse ser caracterizado como significativo atingindo assim os objetivos da pesquisa.

### **5.3 Análise do lócus da pesquisa: A escola**

No tópico discutido anteriormente são descritos acima tópicos sobre a estrutura física da escola e seu aspecto funcional administrativo e funcional, mas sabemos que o real cotidiano da escola vai além de suas estruturas físicas e funcionais, uma vez que a escola representa para a sociedade um aparelho ideológico, responsável pela formação do ser social em sua grande totalidade.

Pode-se observar, a partir do diagnóstico fruto da observação feita nas escolas em que a pesquisa foi desenvolvida as mesmas carregam consigo marcas do descaso com que a educação pública é tratada em nosso país, mas que contudo vem tendo sua melhoria gradativamente.

Na escola de gestão estadual (escola A) podemos ver que a situação torna-se mais agravante a partir do momento em que tal escola por diversas vezes tenha sido alvo do “esquecimento” e ausência de reformas e melhorias em diversos aspectos.

Na (escola B) que é de domínio municipal, e também por se tratar de uma escola de demanda e capacidade menor encontramos uma menor omissão com o aspecto educativo que esta desempenha, mas que mesmo assim ainda é perceptível problemas de natureza pedagógica, estrutural e funcional.

Todo este discurso acerca no panorama das escolas aqui pesquisadas se faz necessário devido a compreensão do *lócus* da pesquisa, pois o surgimento da problemática surgiu a partir da dinâmica que temos em milhares de escolas públicas brasileiras aqui retradas por escola A e escola B, ambas se configuram no cenário atual da realidade da educação pública no Brasil.

Discutir a temática desta pesquisa – *Consumo Consciente e Consumo Sustentável*- dentro da esfera da escola pública pode até soar estranho, uma vez que podemos a priori identificar a escola pública como algo carente de recursos materiais e frequentada por pessoas de poder aquisitivo inferior, mas que fazem uso sim de recursos destinados a escola e que se tem percebido que o descaso com o que público vem sendo tratado como algo sem valor, sem importância.

Pudemos identificar que os alunos das escolas A e B, veem o espaço escolar e tudo que vem desta como algo não valorizado. O material é mal conservado, a energia elétrica e a água são desperdiçadas de forma cruel e impensada, entre outros casos.

Essa forma errônea de pensar e ver o público como algo banal, está atrelado a um problema de natureza maior que traz em sua essência um fator socioambiental: os alunos no geral não associam que os recursos que são desperdiçados dentro da escola muito antes de vir da esfera pública governamental é oriunda do meio ambiente e que cada vez que eu depredo ou não valorizo meu ambiente de forma respeitosa e consciente, eu estou agindo de forma que vem prejudicar não apenas a mim como também a todos que dele participam.

A partir deste fato temos a escola como palco para que nossas posturas de como nos comportar na sociedade seja moldada de forma coerente com nossos princípios e valores para que assim possamos aprender a melhor forma de me relacionar com lugar em que estou inserido.

Quando observamos que havia uma necessidade em se trabalhar com os alunos que o desperdício não deve ser cultivado de nenhuma forma e que essa prática seria vivenciada dentro da escola para que assim este aluno pudesse perceber que tudo tem seu valor e esse valor está relacionado com os recursos naturais do nosso planeta que atualmente atravessa uma crise de caráter ecológico por justamente o homem se comportar de forma omissa e

irresponsável perante ao mal uso de nossos recursos naturais fonte de nossa existência e sobrevivência no planeta.

Partindo deste problema podemos perceber que a escola se configura como o lugar em que se encontra o problema e que ao mesmo tempo uma educação possa ser desenvolvida para que a partir do ambiente escolar essa realidade seja mudada. Observamos, portanto, a escola como cenário pertinente a esta discussão uma vez que é comprovada uma cultura do desperdício dentro do âmbito escolar.

Assim temos a escola como uma unidade ideológica responsável pela formação de indivíduos para viver em sociedade. Como educadores temos que pensar que a formação vai além de simplesmente letrar o indivíduo, se a escola apenas tem essa preocupação, não podemos reconhecer - lá como útil a construção da sociedade. Não podemos pensar hoje a escola como algo apartado da realidade social, educar é algo complexo e repleto de fatores que contribuem para que tal processo ocorra, portanto, a escola é tida como uma reprodutora de saberes sem se deixar absorver pelas novas questões vivenciadas pela sociedade, desta maneira ela pouco desenvolve seu real papel formador.

Neste sentido Freire (1999,p.21) afirma que:

Se tenta a democratização da escola, do ponto de vista de sua vida interna, das relações professores- alunos, direção-professor etc. e de suas relações com a comunidade em que se acha se busca mudar a cara da escola, cresce, necessariamente a procura a ela.

Compreendemos então o compromisso da escola para com a comunidade, que precisa estar associada à comunidade escolar. É cabível a escola promover a interação dialógica entre as reais e atuais problemáticas, sendo assim esta se mantém viva ao renovar e adaptar sua prática às reais necessidades sociais.

Dando ênfase a essa interação, os resultados serão obviamente mais significativos, uma vez que estará partindo das próprias necessidades cotidianas da população. Como afirma Guimarães (2004) o ensino que se abre para a comunidade com seus problemas sociais e ambientais como assunto pedagógico proporcionam além de tudo uma educação política.

A educação e a escola assumem, portanto, perante a situação ambiental um papel fundamental, uma vez que, identificamos na escola um lócus de articulação entre os processos de aprendizagem e a vida, ou seja, o meio social sendo construtor do aprendizado dos indivíduos.

Tal pensamento é bastante observado, na teoria de Vygotsky<sup>7</sup> o qual enfatiza a relação homem e ambiente, a relação com a sociedade. Desta forma podemos relacionar o pensamento vygotskiano ao nos referimos ao meio ambiente no contexto escolar, quando, por exemplo, observamos que a construção de aprendizagem interna dos indivíduos ocorre associada à ação externa, no caso a ação externa seria a própria natureza, a sociedade, o desmatamento, o aquecimento global e tantos outros fatores, e é a partir da experiência que se constrói o saber do indivíduo, assim este será mais capacitado em compreender os problemas que o aflige e procurar formas concretas para solucioná-los ou amenizá-los.

Então vemos que a Educação Ambiental é um processo permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem o conhecimento, os valores, as habilidades, as experiências e a determinação que os tornam aptos a agir individual e coletivamente, e resolver os problemas ambientais.

É o que diz também Pontuschka (1996) em que o conhecimento da realidade permite ao cidadão posicionar-se frente às questões ambientais e as políticas públicas voltadas para a mesma podendo então contribuir para problemas surgidos.

Ver-se, portanto, que atitudes individualistas são corriqueiras em nossa sociedade fruto da competitividade e do consumismo, cada vez mais comportamentos e posturas como estas contribuem para exclusão social, exploração e destruição dos recursos naturais.

Diante desta realidade a escola deve apresentar uma postura condizente ao que a sociedade precisa se direcionar, sendo assim podemos perceber o papel fundamental da escola, de uma escola que desempenha seu papel

---

<sup>7</sup> **Lev Semenovitch Vygotsky.** Pensador importante, foi pioneiro na noção de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais (e condições de vida).

perante as novas contextualizações encontradas, permanecendo assim um espaço de formação abarcada pela realidade.

Observamos o que a este respeito nos diz Freire (1997,p.30):

Por que não aproveitar as experiências que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes.

Nota-se que a educação ambiental se intensifica e colhe bons frutos quando se possui uma ampla visão e troca de informações a respeito dos processos que as circundam e esse fator traduz bem o caráter interdisciplinar desta na qual o educador tem importante papel neste processo: o de engajar os alunos e a comunidade em prol do meio ambiente.

Com tudo percebe-se que a educação ambiental é uma prática que não acontece sozinha nem de forma isolada. E assim identificamos que a educação é um processo carregado de uma gama de fatores que devam apresentar um envolvimento para que esta ocorra.

Um fato bastante preocupante é de como a escola vem se comportando na maioria das vezes. Pode ser observado que a escola lida com uma forma de educar para como a sociedade deveria ser, o que por sua vez não se apresenta de forma errônea, mas um pouco desconexa com a situação. Desta forma, pode-se por afirmar então que a escola não deveria apenas mostrar como a sociedade deveria ser, mas sim estudá-la como ela é, para que o conhecimento dado na escola se faça necessário para que os indivíduos contribuam para melhores alternativas de mudança e assim compreendendo nossas realidades poderíamos organizar da melhor forma como ela deveria ser.

No caso aqui estudado foram analisadas duas escolas públicas do município de João Pessoa, através das mesmas procuramos avaliar como se processa a questão do consumo consciente dentro da temática ambiental no âmbito escolar, antes disto se faz crucial interpretar a escola pública como uma instituição educativa, e não como uma instituição destinada a reabilitar os indivíduos que ali frequentam, pois antes de assumir responsabilidades com a sociedade precisa assumir as responsabilidades com a própria educação.

Em Anísio Teixeira<sup>8</sup> o percussor da escola pública no Brasil, é apontada uma nova postura desta escola, a qual passa a assumir responsabilidades tais como educar ao invés de formar com o objetivo de desenvolver sujeitos livres em vez a sujeitos obedientes além de prepara para o futuro e pensando nisso Anísio Teixeira enfoca a necessidade de mudança da escola pública propondo a execução de medidas para a democratização do ensino brasileiro defendendo a experiência do aluno como base do aprendizado.

Sendo assim nota-se o quão fundamental se faz compreender a real finalidade da escola para a formação dos indivíduos, para as práticas de ética, respeito e cidadania, além de que temos uma problemática atual aos dias de hoje que serve para justificar o presente projeto: o desperdício dentro da escola.

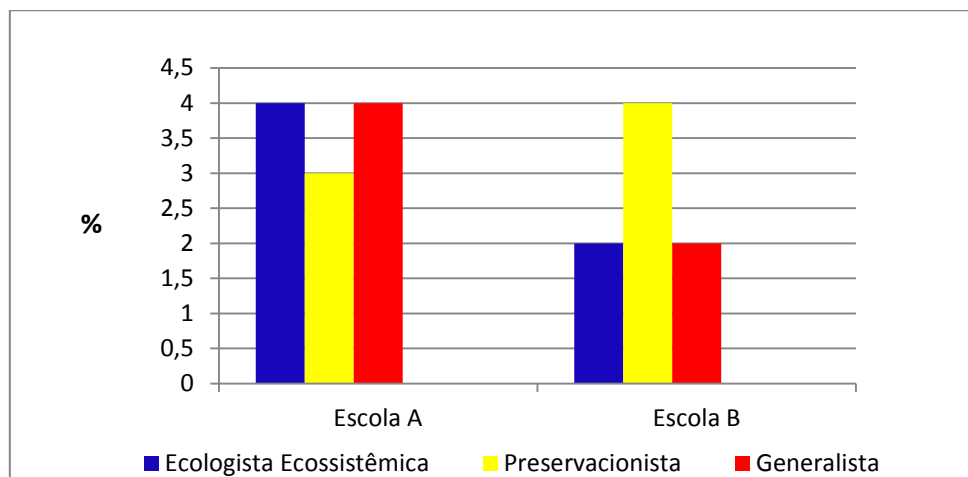
#### 5.4 Compreendendo o conceito de EA e meio ambiente dos docentes

Depois de uma conceituação da EA e suas relações com a pedagogia como forte tópico deste estudo, é ilustrado abaixo a visão dos professores do contexto trabalhado das escolas analisadas.

Analisar o conceito sobre EA dos professores em questão foi prerrogativa fundamental para uma melhor compreensão de como os docentes analisam esse conceito em sua prática pedagógica diária em sala de aula. Este procedimento se deu da seguinte forma: os professores de ambas as escolas, durante o planejamento do ano letivo de 2012 que ocorreu no mês de fevereiro No **Gráfico 01**, é descrito o resultado sobre a conceituação acerca do termo Educação Ambiental, em que tem-se a análise da Escola A e Escola B (Ângelo Notare) respectivamente representadas abaixo:

---

<sup>8</sup> Personagem central na história da educação no Brasil, nas décadas de [1920](#) e [1930](#), difundiu os pressupostos do movimento da [Escola Nova](#), que tinha como princípio a ênfase no desenvolvimento do intelecto e na capacidade de julgamento, em detrimento da memorização. Reformou o sistema educacional da [Bahia](#) e do Rio de Janeiro, exercendo vários cargos executivos. Foi um dos mais destacados signatários do [Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova](#), em defesa do [ensino público](#), gratuito, laico e obrigatório, divulgado em [1932](#). Fundou a [Universidade do Distrito Federal](#), em [1935](#), depois transformada em Faculdade Nacional de Filosofia da [Universidade do Brasil](#).

**Gráfico 1-**Percepção dos professores das escolas sobre Educação Ambiental

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme o **(Gráfico 01)**, nota-se que existe certa “generalização” do termo atrelado ao termo meio ambiente, algumas respostas se deram de forma superficial e resumida. Podemos identificar que três tipos gerais de conceitos foram mencionados quase de forma unânime entre os professores das duas escolas.

Fazendo um paralelo com os resultados descritos acima e a conceituação de Sauv  (2005), identificamos nas falas acima que alguns professores conceituaram a EA como a educação “para” o meio ambiente sendo maioria essa categorização pelos docentes.

Na escola A, a predominância de conceituar a educação ambiental atrelada a uma concepção ecologista sist mica se fez presente, já na escola B preservacionista e generalista se fizeram presentes   o que percebemos no quadro abaixo a partir de exemplo das falas dos docentes:

**Quadro III –** Concepções sobre Educação Ambiental e exemplo das respostas dos docentes

| Concepção de Educação Ambiental | Exemplo de respostas dos docentes                                                                                                             |
|---------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Ecologista Eossist mica</b>  | “Entendo que a educação ambiental venha ser uma educação de <b>caráter ecológico</b> , que almeja o cuidado do meio ambiente (...)”- Escola A |
| <b>Preservacionista</b>         | “   uma educação voltada ao meio ambiente, necessária aos dias de hoje, para a preservação.”- Escola B                                        |
| <b>Generalista</b>              | “  a educação que aborda o meio ambiente(...)”- Escola B                                                                                      |

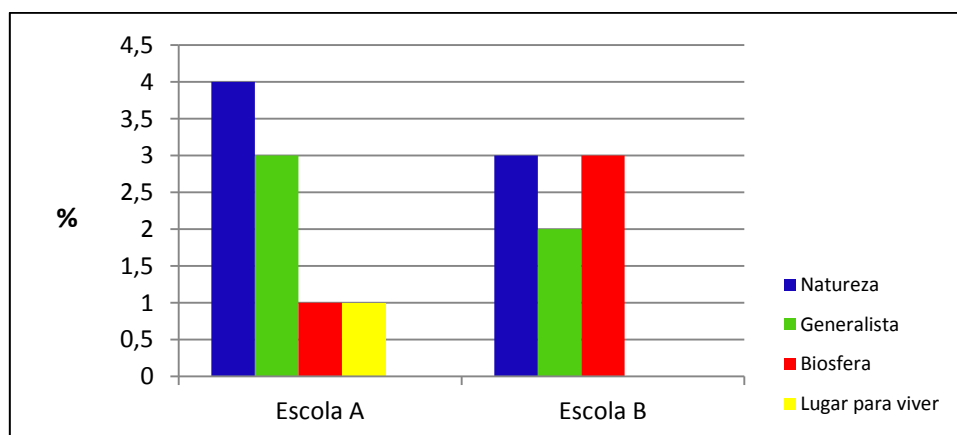
Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com as falas acima podemos tecer um diagnóstico de como os professores de ambas escolas pesquisadas vem interpretando e conceituando a EA.

Em Sauv  (1996), é tomado por base algumas concepções da educação ambiental e define que: É uma educação **sobre** o meio ambiente como a obtenção de conhecimentos e habilidades relativos à influência mútua com o ambiente;   também uma educação **no** meio ambiente, a qual é mencionada pela autora como educação ao ar livre, correspondendo a uma prática pedagógica em que se busca aprender através do contato com a natureza ou com a conjuntura biofísica e sociocultural do entorno da escola ou comunidade; e por fim: uma educação **para** o meio ambiente: procedimento através do qual se busca o engajamento ativo do educando que aprende a resolver e prevenir os problemas ambientais.

Dando continuidade as questões foi também perguntado aos docentes qual a compreensão que eles tem sobre meio ambiente. O que é representado no (Gráfico 2) detalhadamente a seguir:

**Gráfico 2** - Percepção dos professores das escolas A e B sobre meio ambiente



Fonte: Dados da pesquisa

O (Gráfico 02), demonstra primeiramente em grande maioria que a visão dos professores sobre o que vem a ser meio ambiente da (escola A) está associada ao aspecto de natureza, ou seja, compreensão sobre meio ambiente como algo relacionado apenas a natureza, em segundo lugar a visão generalista aparece como parte considerável nas respostas dos docentes. Em últimos lugares resposta que tem caráter associado a biosfera e lugar para viver.

Identifica-se que a percepção dos docentes sobre meio ambiente se apresenta de maneira superficial a real significação da compreensão sobre meio ambiente se encontra de forma incoerente com o verdadeiro sentido, esse fator explica o fato da confusão também feita pelos alunos, uma vez que são esses professores que passam tal conceituação.

Em se tratando da interpretação dos dados da (escola B), de acordo com a (**Gráfico 02**), observamos um fato distinto da (escola A), temos uma igualdade entre as respostas que trazem a visão sobre natureza e biosfera e em outras respostas tivemos ainda visões generalistas a respeito do que vem ser meio ambiente.

Em ambas as escolas, estes resultados representam e significam que a compreensão sobre o que é meio ambiente vista pelos docentes se apresenta de forma ou um tanto “vaga” ou “simplória”. Entender o meio ambiente apenas como “natureza” sem considerar o aspecto humano influi significativamente da dissociação do aspecto social relacionado ao meio ambiente.

De forma mais específica pode-se reconhecer algumas destas respostas através do (**Quadro IV**) de acordo com as repostas abaixo é possível reconhecer mais claramente.

**Quadro IV-** Concepções sobre Meio Ambiente e exemplos de respostas dos docentes.

| Tipologia sobre Meio Ambiente | Exemplo de respostas dos docentes                                                 |
|-------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Como natureza</b>          | “Podemos entender por meio ambiente o espaço constituído pela natureza.” Escola B |
| <b>Generalista</b>            | “Meio ambiente é tudo aquilo que nos cerca, (...)” –Escola A                      |
| <b>Como Biosfera</b>          | “Espaço que engloba a natureza, todos os seres além do habitat.” Escola B         |
| <b>Lugar para viver</b>       | “O habitat de várias espécies (...)”- Escola A                                    |

Fonte: Dados da pesquisa

Nos resultados comprovou-se que professores de ciências e geografia apresentam um melhor entendimento do que vem a ser meio ambiente, as respostas associadas a biosfera se fizeram presente na fala dos mesmos. O que ocorre a partir disso é uma falta de contextualizar de forma interdisciplinar a temática do meio ambiente.

De acordo com Trivelato e Silva (2011, p.21):

É necessário que cada profissional de ensino, mesmo especialista em determinada área do conhecimento, seja um dos agentes da interdisciplinaridade que o tema meio ambiente exige. Essa interdisciplinaridade deve ser buscada por meio de uma estruturação institucional da escola que reflita na organização curricular.

Fica evidente que independente da área de formação dos docentes estes tenham que obter uma forma interdisciplinar e trabalhar em sala de aula temas transversais como meio ambiente.

### **5.5 Análises sobre a realidade e percepção dos alunos das escolas A e B**

A percepção por eles aqui retratada trata-se de uma mistura de vivências em seu cotidiano de acordo com suas noções baseadas em sua forma de vida, toda essa bagagem já vem acrescida de múltiplos fatores chegando ou trazendo à escola muitas vezes uma postura equivocada ou simplista demais sobre determinado assunto ou conhecimento. A educação vem ser para este uma forma de conduzi-los melhor a como entender o porquê das coisas e a significação dos acontecimentos sobre um determinado conceito ou saber.

A percepção ambiental vem demonstrar uma análise acerca da visão dos discentes sobre meio ambiente e quais suas implicações sobre essa percepção em suas práticas, e em sua relação com o mesmo.

Ambas as escolas aqui pesquisadas enfrentam como tantas outras não apenas no estado da Paraíba como no Brasil o descaso muitas vezes característico com a educação, o alunado envolvido durante a pesquisa carrega com si uma bagagem muito além do baixo desempenho escolar, trazem intrinsecamente consigo toda parcela social a que lhe adquirida ao longo de sua formação. O lugar onde vivem, as pessoas com quem convive, o contexto em que está inserido diz muito sobre os alunos e sua forma de ver e viver no mundo.

Poder fazer uma análise sobre a percepção do alunado pesquisado foi ponto chave para compreensão do processo deste estudo, identificar nas falas o que sabem o que vivenciam traz a tona uma gama de relações com suas práticas atuais, desta forma enxergar como o aluno percebe e ao mesmo tempo se percebe ambientalmente repercute significativamente nos objetivos e resultados que aqui pesquisamos.

De forma simplória podemos definir percepção ambiental como a maneira como cada indivíduo sente o ambiente a sua volta valorizando-o em maior ou menor escala. Portanto, análise sobre a percepção dos alunos foi crucial para uma melhor compreensão de como esses indivíduos se percebem como parte do todo.

Contamos com um universo de 50 alunos, em ambas as escolas em grande parte é oriunda de classes desfavorecidas socialmente, além deste fator o desempenho escolar também da maioria é fator preocupante uma vez que uma parcela considerada se encontra fora da faixa-etária correspondente ao ano letivo em que está matriculado.

Para nossa pesquisa foi selecionado para ser investigado a série correspondente ao 7º ano pelo fator primeiramente do conteúdo abordado na área de Ciências e alguns assuntos de determinadas disciplinas como Geografia e História. Outro aspecto considerado foi a mentalidade dos alunos para com a temática do assunto em questão; o tema *consumo sustentável e consumo consciente*, na série trabalhada faz ponte com as disciplinas já mencionadas acima e também podendo ser trabalhadas de forma interdisciplinar nas demais, como elo norteador para uma formação de postura ambiental voltada à práticas em EA.

O fato de o público alvo pertencer a uma classe desfavorecida e ser trabalhado como este a temática do *consumo sustentável e consumo consciente*, salientado que o tema pesquisado se deu partindo do lugar e não da clientela pelo fato de ser nestas escolas o local que existe uma grande incidência de desperdício de recursos materiais e naturais como mais anteriormente já foi mencionado.

Tendo por base que os discentes se encontraram na faixa-etária de 12 a 15 anos correspondente ao período da adolescência em que a formação de personalidade ainda se encontra em estágio de transformação, além de ser um público - alvo que traz como característica uma inquietude assim podemos dizer, sobre sua relação com o mundo e sua percepção como parte do processo social e ambiental. Em ambas as escolas os discentes apresentaram semelhanças alguns aspectos relacionados à idade, gênero, classe social e escolaridade.

Um fator que chamou a atenção foi um maior número de evasão do

gênero masculino correspondente a frequência em sala de aula associado também ao do fato público masculino ser maioria no número de matriculados na (escola A), o que mais a frente explica alguns fatores como indisciplina e faixa-etária não correspondente ao ano cursado pelos mesmo.

Em se tratando da Escola B a clientela maior é do gênero feminino, maioria também se apresentando na faixa etária na maioria correspondente ao ano cursado. Apesar da maioria ser do gênero feminino pode-se considerar que a turma era bem distribuída, o que na escola A o fato de termos mais alunos do gênero masculino dificultava mais a rotina normal em sala de aula devido a falta de interesse por parte deste em que quase todos eram de idade acima da considerada normal para o ano estudado.

Sem pretensão de traçar um perfil apenas de jovens comprometidos ou não com o meio ambiente, buscamos por assim melhor antes de tudo entender como esses jovens em idade escolar podem contribuir para a disseminação da EA no âmbito escolar. Como melhor aproveitar sua fase para despertar neste uma sensibilidade para os fatores de sensibilidade e consciência da finitude dos recursos naturais, encaminhado estes indivíduos para uma postura responsável perante as relações socioambientais.

De acordo com a UNESCO 2004, o ciclo que vai dos 15 aos 29 anos", vem sendo no Brasil crescente e prolongado e não existe uma visão fragmentada por tipo de jovens se ressalta que há elementos comuns a todos os jovens.

Diante tal afirmação podemos considerar que estes indivíduos apesar de contextos diferentes trazem consigo aspectos semelhantes. Um fator positivo e comum a maioria segundo Abramovay (2009); podemos dizer que estes enxergam a vida com otimismo apesar das circunstâncias e afirmam que há muito espaço por onde começar/recomeçar a construção de um mundo melhor, e que um mundo melhor é possível.

Este tipo de pensamento característico na idade do público-alvo pesquisado se tornou notável em maioria da percepção dos alunos acerca de melhorais para o planeta tal fato se apresentou nas oficinas de sensibilização antes do decorrer da prática de fato.

Se possuímos indivíduos com essa mentalidade podemos "moldar"

melhor sua formação voltada a EA, é necessário que tenhamos multiplicadores que disseminem que uma mudança de paradigmas é possível sim.

Essa característica dos indivíduos é de grande valia para atingir a meta da pesquisa, em se tratando de novas posturas e novas práticas perante a forma como eu enxergo o mundo e as relações ao meu redor definem como seria mais viável a compreensão acerca de fatores como entender o porquê de se consumir conscientemente, de valorizar o patrimônio da escola e etc.

Reconhecer a percepção que os alunos trazem sobre o meio ambiente, serviu para traçar uma linha sobre o conhecimento que estes detém sobre o aspecto socioambiental.

Segundo Dei Rio (1996), a percepção ambiental refere-se ao processo de interação dos indivíduos com o ambiente, abrangendo estruturas perceptivas e cognitivas, podendo formar importante ferramenta para a avaliação das práticas e fundamentos da educação ambiental, uma vez que permite expor as visões, imagens e valores que estes desenvolvem a respeito do que os cerca.

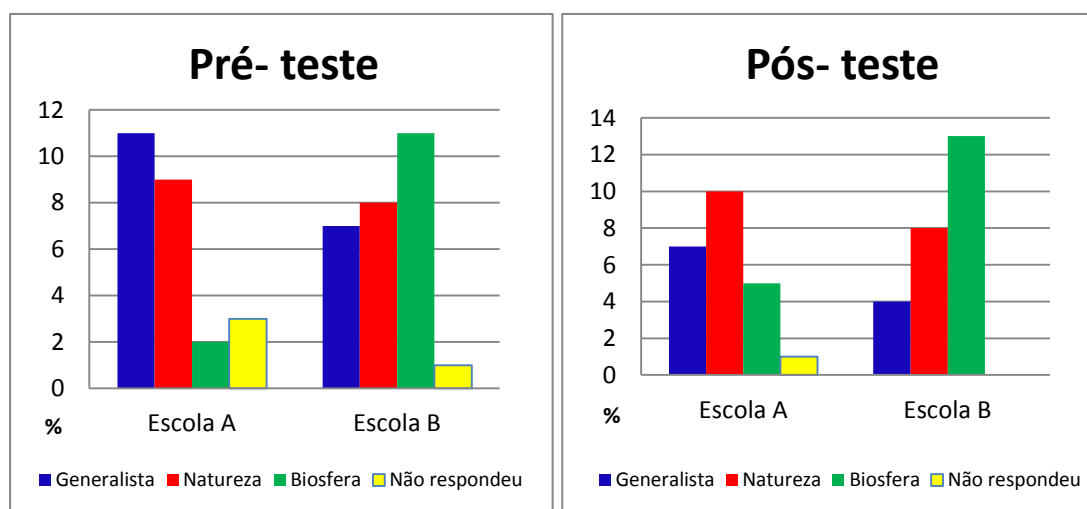
Mas adiante podemos compreender sobre percepção ambiental também como o que afirma Faggionato (2007) que cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente perante às ações sobre o meio. As respostas ou revelações são, portanto, resultado das percepções, dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada indivíduo.

Complementando então a discussão sobre percepção ambiental temos, portanto, Tuan (1983), que afirma ao observar que a Percepção Ambiental não só auferir informações dos sentidos humanos, mas também é intercedida pelo meio. Uma vez fazendo valer das representações mentais, esta intercessão sofre a influência dos aspectos sócio-históricos e culturais do indivíduo.

#### 5.6 Análise do conceito de meio ambiente, consumo e a relação entre ambos dos alunos da EEEFM Dona Alice Carneiro e da EMEF Ângelo Notare (pré e pós-testes)

Analisar a percepção dos alunos de ambas as escolas, se faz pertinente para uma melhor compreensão de como os mesmos demonstram suas visões sobre meio ambiente.

**Gráfico 3** - Percepção sobre meio ambiente dos alunos das escolas A e B no pré e pós-testes



Fonte: Dados da pesquisa

Como ilustra o **(Gráfico 3)** acima podemos identificar que os alunos possuem uma percepção ambiental sobre o meio ambiente de forma generalista associado, outras opiniões correspondem de forma sucinta ao cuidado e à preservação da natureza associando ainda este termo com figuras de representação natural como plantas, árvores, etc.

Fazendo um comparativo entre as duas escolas é notório que a (escola A) apresentou uma visão generalista dos alunos em relação ao meio ambiente. De acordo com as concepções e categorias da EA (adaptado e ampliado de ABÍLIO(2011) a conceituação de caráter generalista demonstra uma visão ampla e confusa sobre os conteúdos ou atividades em EA).

Já na (escola B) apresentou um caráter de visão associado a biosfera, quando questionada sobre meio ambiente, vale aqui resaltar que esse resultado se fez presente também na fala dos docentes o que consequentemente demonstra que a visão/ postura dos professores sobre determinado conceito traz influência nos resultados dos alunos a partir das respostas dos professores da escola B.

No pós-teste existe uma certa diferenciação dos conceitos após as oficinas pedagógicas. A escola A passa a apresentar uma queda no item generalista nos pós-teste quando no início apresentava um valor de 11% e decai após o projeto para 7%. Já na escola B a concepção de biosfera apresenta uma porcentagem de 13% quando no pré- teste mostrou-se em uma quantidade inferior representando 11%. Esses resultados mostram uma sutil

mudança de concepção em o meio ambiente passa ser compreendido de outra forma em ambas as escolas, no pós-teste observa-se que após as práticas em EA os alunos reconheceram o meio ambiente concebido na grande maioria como biosfera. No (**Quadro V**), podemos observar exemplo de respostas dos alunos a cerca da conceituação sobre meio ambiente:

**Quadro V-** Concepções sobre Meio Ambiente e exemplos de respostas dos alunos no pré- teste.

| <b>Tipologia sobre Meio Ambiente</b> | <b>Exemplo de respostas dos docentes</b>                               |
|--------------------------------------|------------------------------------------------------------------------|
| <b>Como natureza</b>                 | “É a natureza que temos que preservar(…)”                              |
| <b>Generalista</b>                   | “Meio ambiente é algo muito importante para todos nós”                 |
| <b>Como Biosfera</b>                 | “É aquilo que tem vida e faz parte do planeta, as plantas, as árvores” |

Fonte: Dados da pesquisa

Com essa realidade podemos analisar segundo Sato (2001) que o sentido atribuído à natureza, seja como objeto externo ao ambiente ou como espaço de apropriação do ser humano, está ligado a valores ideológicos construídos socialmente.

Tais percepções diferenciadas dizem e demonstram que entre as escolas existe um fator associado à vivência dessa conceituação, na Escola A o caráter se apresenta de forma mais generalista, alguns alunos mencionaram em suas falas uma certa preocupação com o fato da escola está localizada e se apresentar próximo a orla marítima trouxe aos alunos durante o questionamento a questão da preservação e conservação das praias de Manaíra, citados por maioria no decorrer da pesquisa.

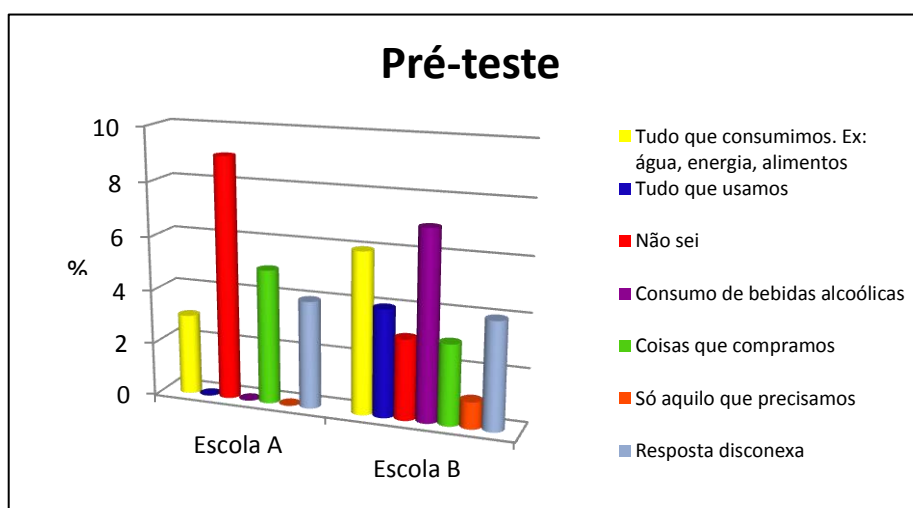
Em se tratando da escola B, pudemos observar que o aspecto de vida associado ao termo meio ambiente se fez presente em uma parcela da dos alunos, que de forma simplória associa a natureza, a vida e ao homem, fator interessante que representa que os indivíduos possuem já de certa forma uma visão diferenciada em relação ao aspecto meio ambiente.

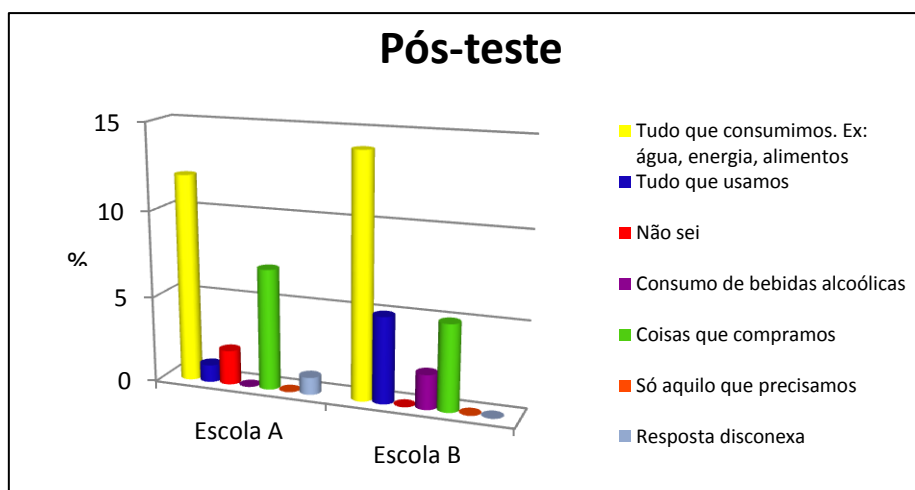
Segundo Sauv   (2005) esta concepção do meio ambiente impede que o ser humano perceba os problemas ambientais de forma mais ampla, fomentando uma visão reducionista, imediatista e até egocêntrica, porque a preocupação se restringe a sua casa, seu trabalho e talvez seu bairro, impossibilitando a formação de uma consciência planetária. Desta forma se faz

importante considerar as percepções retratadas acima para que possamos estabelecer uma proposta de ação significativa que contribua com a maneira como os indivíduos lidam e se relacionam com o meio ambiente. Dando sequência a pesquisa após realizar a percepção dos alunos a cerca sobre o que é meio ambiente, os questionamos sobre suas compreensões sobre o termo consumo. Essa percepção teve por intuito identificar de que forma reconhecem e caracterizam o consumo. A percepção dos alunos sobre consumo de modo geral demonstra o quão vaga e distorcida se apresenta essa concepção. Esse fato torna-se mais agravante por grande parcela dos alunos da escola A em afirmarem que não sabem o que vem a ser consumo. Na escola B existe também um fator preocupante que se fez presente na maioria das falas dos alunos quando atribuem a questão do consumo ao uso de bebidas alcoólicas. Fora estes resultados, podemos reconhecer se tratando de ambas as escolas que poucos foram os alunos que mencionaram o conceito de consumo ao que realmente necessitamos.

Ainda com o objetivo de se analisar a percepção ambiental dos alunos, considerando o fato de inserir o tema da pesquisa nessa percepção os alunos foram questionados sobre a relação entre consumo e meio ambiente. Esse questionamento se posiciona como traço para identificar se os mesmos reconhecem algum tipo de relação entre o meio ambiente e o consumo.

**Gráfico 4 -** Concepções dos alunos sobre consumo no Pré e Pós-teste





Fonte: Dados da Pesquisa

Os resultados apontados com relação a percepção sobre consumo demonstrou tanto na escola A quanto na escola B no pós-teste, ilustrados no (Gráfico 4), um aumento significativo no conceito de consumo após a realização das práticas de EA. Os alunos detinham uma concepção errônea sobre o termo. No pré-teste, nota-se que apenas cerca de 2% dos alunos da escola A afirma que consumo se refere a tudo que consumimos e afirmavam na grande maioria 9% que era “só aquilo que precisamos”. Esse resultados são modificados ao longo das práticas e isso é demonstrado no pós-teste quando ambas as escolas apresentam um aumento na porcentagem quando maioria dos alunos passam a reconhecer que tudo é consumo.

No (**Quadro VI**), podemos observar implícito nas falas do alunos suas concepções sobre consumo no pré-teste.

**Quadro VI** - Concepção dos alunos sobre consumo

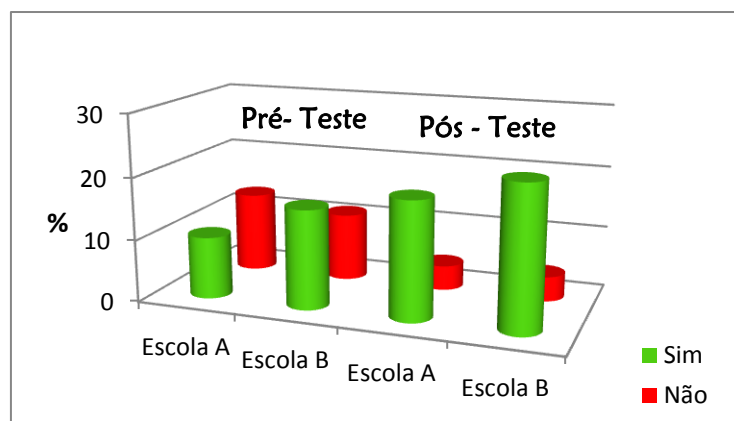
| O que é consumo?                      | Exemplo de respostas dos docentes   |
|---------------------------------------|-------------------------------------|
| Aluno 2- escola B                     | “É tudo aquilo que consumimos(…)”   |
| Aluno 6 – escola A                    | “Tudo que a gente usa”              |
| Grande parcela dos alunos da escola B | “É o consumo de bebidas alcoólicas” |

Com estes resultados é notória a concepção deturpada que os alunos tem sobre consumo, o que reflete em sua forma de tratar o meio ambiente com

descaso e não valorizar o patrimônio escolar, uma vez que quando estes alunos não associam o consumo em sua totalidade.

O último questionamento feito para os discentes foi o seguinte: você identifica alguma relação entre consumo e meio ambiente? Tal questionamento é demonstrado no (Gráfico 5) ilustrado abaixo:

**Gráfico 5:** Concepções dos discentes sobre a relação entre consumo e meio ambiente



Fonte: Dados da pesquisa

O (Gráfico 5) trata de uma questão primordial para o andamento da pesquisa. O resultado exposto demonstra de fato um fator importante: os discentes perceberem que existe uma relação intrínseca entre consumo e meio ambiente, uma vez que tudo que consumimos vem do meio ambiente. Tal questionamento foi proposto ao observar que os alunos de ambas as escolas, a grande parcela 10% (escola A) e 8% (escola B) demonstrado no pré-teste não compreendiam a relação entre consumo e meio ambiente. Após as oficinas e com a aplicação do pós-teste estes resultados demonstram um aumento, significando que mesmo a (escola B) que apresentava vantagem nos conhecimentos propostos sobre a ( escola A) apresentou também resultados satisfatórios com um aumento de 12% para 18% o número de alunos que passaram a compreender que o consumo tem sim relação com o meio ambiente.

Observa-se ainda que a (escola A) teve um crescimento significativo que demonstrou através dos resultados das respostas do pós-teste que os alunos mudaram na maioria seu entendimento a respeito da relação consumo e meio ambiente.

### 5.7 Resultados e discussão das Oficinas Pedagógicas aplicadas com os alunos da Escola A e da Escola B

A partir da compreensão, observação e primeiras análises sobre os conceitos trabalhados como meio ambiente e consumo associados às práticas em educação ambiental dentro das escolas A e B da grande João Pessoa.

Durantes estas práticas, utilizamos o uso de oficinas pedagógicas com uma abordagem socioambiental. Antes de se focar na real temática do projeto: consumo consciente, foi necessário utilizar oficinas de caráter sensibilizador, antes dá inicio ao tema, no decorrer pudemos entender as oficinas como um recurso didático capaz de promover a construção do conhecimento através de práticas vivenciadas que possibilitam uma maior reflexão a cerca do contexto trabalhado.

Percebe-se que o uso das oficinas pedagógicas foram cruciais para desenvolver nos alunos impressões sobre o contexto da pesquisa acerca dos objetivos que temos por meta. Durante o projeto foram realizadas atividades que envolviam: relações do individuo com o meio ambiente, formação de conceitos como: consumo, consciência, sustentabilidade e meio ambiente.

### 5.8 Oficinas Aplicadas

De acordo com a problemática do projeto, as oficinas buscaram oferecer uma abordagem holística de caráter interdisciplinar e transdisciplinar fornecendo subsídios para a formação de um cidadão responsável com a problemática socioambiental. Portanto, as oficinas objetivaram desenvolver através de práticas pedagógicas, um resgate a conscientização e alerta relacionadas à questão do consumo consciente e sustentável.

Em consequência do enfoque da consciência, foi bastante trabalhado nos alunos a questão da pró-atividade, ou seja, da iniciativa deles frente a temática ambiental, como também se reconhecerem como cidadãos ativos capazes de serem autônomos nesse processo, ou seja, que os mesmos pudessem compreender que fazem parte do ambiente.

As oficinas foram construídas a partir de observações e análises feitas durante a pesquisa, a partir da percepção do conhecimento da realidade de ambas as escolas pudemos construir uma metodologia contextualizada com a realidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

## **Primeira Oficina: O ambiente em que vivo**

### **Contextualização:**

A primeira atividade caracterizou-se por uma oficina de sensibilização com o intuito de fazer uma sondagem acerca do público-alvo, conhecer suas necessidades e realidades. Salientando que antes desta primeira atividade foi feita uma apresentação anterior sobre o projeto em que foi explanado para os alunos o tema do projeto e sua importância como: Educação Ambiental e Consumo : um diálogo contra o desperdício na escola, após a apresentação houve um momento em que os alunos pudessem expor oralmente suas impressões. Este momento foi de grande valia para a sondagem dos anseios e/ou questionamentos dos alunos sobre a problemática. Como visto em Freire( 1997) é escutando bem que me preparo para melhor me situar do ponto de vista das ideias .

Esta primeira atividade foi caracterizada como sensibilização que de acordo com Medina (2001, p.18)

A sensibilização é uma etapa inicial da Educação Ambiental, assim como o entendimento das relações ecológicas e dos conteúdos da biologia é imprescindível para avançar nos processos da Educação Ambiental, mas não é Educação Ambiental.

Fica evidente que esta primeira atividade se deu através de um processo de sensibilização, na qual o início da ação ainda não caracterizou-se por uma ação em EA, mas sim uma etapa inicial para que os alunos pudessem compreender e adentrar no universo da temática em questão.

A oficina pedagógica: O ambiente em que vivo foi realizada, com o objetivo de focar o conceito de meio ambiente e o lugar do homem na natureza.

### **Desenvolvimento:**

A metodologia utilizada contou com o uso de dinâmica de grupo para descontrair os alunos antes da exibição do vídeo e através de um vídeo, a escolha do recurso didático – vídeo surgiu uma vez que a atenção visual e auditiva presente no recurso torna mais atrativa para o educando a memorização do conteúdo exposto. Em Moran (1995) o vídeo parte do universo concreto, do visível, do instantâneo, próximo, que toca todos os

sentidos. Trabalha com o corpo, com a pele, as sensações e os sentimentos - nos tocam através dos recortes visuais, do close, do som estéreo envolvente.

Nota-se, ainda em Mandarino (2002), que o recurso do vídeo tem a habilidade de mostrar fatos que falam por si mesmos, mas necessitam do professor para dinamizar a leitura do que se vê.

Portanto, nesta primeira atividade os alunos assistiram um vídeo intitulado “Respire”, que mostra a importância do lugar em que vivemos - meio ambiente, o vídeo de um desenho animado convidou os alunos a pensarem sobre a importância de se ter um ambiente equilibrado para o bem estar humano.

Após o vídeo os alunos realizaram um debate sobre do que se tratava quais suas opiniões a respeito é que pode-se observar através da (**Figura 14**).

**Figura 14.** Exibição do vídeo sobre o meio ambiente a alunos das escolas pesquisadas, junto as professoras.



Fonte: (Cristhiane Cavalcante,2012)

Esta primeira atividade possibilitou aos alunos familiarizar-se com os conceitos da temática trabalhada, uma vez que a grande parte dos alunos se mostraram surpresos em relação aos pontos explorados no vídeo, pode-se considerar também como ponto positivo a empolgação dos alunos em utilizar a sala de vídeo, isso se tornou evidente durante a exibição quando todos se mostraram atentos durante a oficina.

Esta primeira atividade foi encerrada com a explanação oral dos alunos sobre o vídeo, vale salientar que ao término as professoras de Ciências (escola A) e Geografia (escola B), solicitaram fazer uma ponte com a disciplina nesta primeira atividade.

## Segunda Oficina: O meu modo de viver afeta o meio ambiente?

A segunda atividade também teve caráter de sensibilização, uma vez que os alunos se encontraram a margem de conhecimentos e conceitos básicos da EA, resultados estes apresentados nos pré-testes, com uma ressalva a escola B, EMEF. Ângelo Notare em que os alunos apresentaram maior familiarização com alguns pontos comentados, este fato se deu através da escola já ter desenvolvido anteriormente projetos em EA em anos anteriores.

### Contextualização:

Intitulada de “O meu modo de viver afeta o meio ambiente?”, esta segunda oficina abordou a percepção dos indivíduos com relação ao ambiente e a ação humana. Considerando que grande parte da população vive nas cidades, foi necessário apresentar para os alunos uma compreensão sobre a ação humana no meio ambiente para que os mesmos pudessem perceber as pressões no ambiente que geramos todos os dias com nosso modo de vida.

De acordo com Dias (2006) há uma necessidade urgente de ampliar a percepção sobre o funcionamento das cidades, o que ela consome e excreta (despeja) no ambiente.

### Desenvolvimento:

A segunda oficina proposta teve início com uma volta com os alunos no entorno das escolas, como se ver na **(Figura 15)** abaixo:

**Figura 15:** Visita dos alunos ao entorno das escolas A (esquerda) e B (direita).



Fonte: (Cristhiane Cavalcante, 2012)

Nesta oficina um dos objetivos foi levar o aluno a perceber o entorno das escolas, o ambiente em que a mesma estava inserida, perceber o trajeto que fazem até ela e o que se encontra no percurso, que tipo de lugar nós tínhamos. Tentar perceber o ambiente como um todo, em que tudo estar interligado.

De acordo com Tamaio (2002):

Para o educador ambiental, a inserção mediada do espaço natural em sua prática pedagógica lhe permite analisar e compreender, com o educando, as múltiplas interações que agem na natureza (...) (p.95)

Ainda em Tamaio (2002) temos que a EA desenvolve um aprendizado alicerçado em conjunto com a leitura do meio, uma leitura do entorno da escola mediado por categorias apresenta-se como um espaço de construção do saber.

Desta forma observar-se que proporcionar o educando a fazer sua própria leitura/ interpretação do meio em que vive é também contribuir para o aprimoramento da capacidade cognitiva estimulando assim uma compreensão acerca do ambiente.

A ideia central foi mostrar através de um diálogo com os alunos após a volta, que nós como seres humanos mudamos e alteramos diretamente o ambiente em quem vivemos a partir das nossas ações.

Geralmente nas cidades observa-se uma maior demanda sobre os recursos naturais, ou seja, o que consumimos na cidade como alimentos, roupas, combustíveis, água, energia, etc., por exemplo, vem de áreas distantes, ou seja, estamos consumindo algo que vem de um ambiente distante do centro urbano e essa ação humana, esse nosso modo de viver vem afetando o ambiente.

Em seguida, os alunos assistiram a um vídeo sobre desenvolvimento sustentável em que puderam ter uma compreensão sobre o conceito, e como adotar novas posturas perante a relação com o ambiente.

Por fim os alunos participaram de uma dinâmica de grupo “O feitiço virou contra o feiticeiro” que obedecia a seguinte lógica: a ação do outro me afeta e afeta o meio em que vivo.

### **Terceira Oficina: Visita de campo ao Viveiro de mudas nativas do Sesc Gravatá - escola A e Visita ao Jardim Botânico Benjamim Maranhão – escola B**

Esta oficina fez parte da metodologia de atividade de campo durante o projeto. Não foi realizada no mesmo lugar para ambas as escolas, pois a disponibilidade dos locais em receber as instituições de ensino foi alterada por questões logísticas e também financeiras por parte das escolas. Vale salientar que o intuito era proporcionar aos alunos uma atividade de campo que contemplasse uma área verde, uma vez que a visita de campo tinha como objetivo fomentar a questão da arborização e preservação de áreas verdes.

Proporcionar os alunos a esta visita de campo seria base para reaproximá-los do meio ambiente, fazer-se reconhecer como parte do todo e compreender que além do ritmo acelerado e desenfreado da nossa sociedade saber que somos peça fundamental deste ambiente.

Em Capra (2006, p. 191) é enfocado que:

Em geral, são proporcionadas às crianças muito poucas oportunidades para observar e interagir com a natureza. Nós queremos ajudar as crianças a desenvolver uma sólida ética ambiental, para que elas se tornem adultos que respeitem e cuidem da terra.

Com esta afirmação pode-se concluir que os alunos necessitam de atividade de campo para poder de forma prática vivenciar experiências de aprendizagem significativa interagindo o lócus de estudo.

**Figura 16:** Aula de campo no Sesc – Gravatá com visita ao viveiro de plantas e plantio de árvores pelos alunos da escola A.



Fonte: Cristhiane Cavalcante - 2012

**Figura 17:** Visita de campo ao Jardim Botânico com realização de trilhas pelos alunos da escola B.



Fonte: (Cristhiane Cavalcante,2012)

#### **Quarta Oficina: Pequenos pingos, grandes gastos: consumo e desperdício de água**

##### **Contextualização:**

A seguinte atividade proposta durante o projeto a temática trabalhada foi sobre o Consumo e desperdício de água. Atualmente os problemas que envolvem a água são: desperdício, poluição, escassez distribuição e consumo. O consumo deste recurso universal tão importante para a sobrevivência das espécies no planeta precisa ser mais discutido e de acordo com Dias (2006) (p.115);

Outro ponto que precisa ser discutido é a cultura do desperdício. O ideal é que o estímulo de hábitos de consumo sustentável deva partir das escolas.

Pode-se notar que a escola desempenha um papel importante na disseminação de práticas sustentáveis relacionadas não apenas ao consumo consciente da água como também de outras questões relacionadas a EA.

Desenvolvimento:

Durante esta oficina foi explanado para os alunos a situação da água no mundo e no Brasil, através de dados<sup>9</sup> e um vídeo ilustrativo (**Figura 18**) os alunos foram convidados a expor suas dúvidas e questões acerca da problemática identificando problemas de ordem global e local; se o mundo atravessa problemas com a água isso irá afetar também a todos.

**Figura 18:** Exposição de vídeo ilustrativo sobre a água para os alunos da escola A (esquerda) e escola B (direita).



Fonte: (Cristhiane Cavalcante, 2012)

Expostos os dados foi apresentada aos alunos a maneira de saber calcular o volume de água. Antes do exposto deixamos uma vasilha na cozinha (escola A); e outra no banheiro no caso da (escola B) para que durante alguns minutos da explanação a água coletada servisse de base para calcular o volume de água desperdiçado devido ao gotejamento das torneiras.

Para medir a água coletada usamos um recipiente graduado em (ml), no caso de ambas as escolas utilizamos um copo de liquidificador fornecido pela cozinha das escolas. Após demonstrar a maneira de calcular foi entregue aos alunos uma ficha (**Apêndice A**) com questões relacionadas à sentença matemática do cálculo do volume de água desperdiçada.

<sup>9</sup> Fonte dos dados: Folha do meio ambiente, 169, jun. 2010. Disponível em: <http://www.folhadomeio.com.br>

## **Quinta oficina: O que é consumo? Consumo consciente o que é isso?**

### Contextualização:

O surto consumista é uma característica no modelo econômico capitalista que traz em sua essência a aquisição de bens materiais sem uma racionalidade sobre tal comportamento e sua relação com o planeta. Cada vez mais o ser humano é movido ao consumo exagerado, para isso o indivíduo necessita de uma visão crítica de tal processo para não se deixar persuadir por livre pressão do sistema.

Em Paz (2010) observa-se que a este respeito pode-se afirmar que:

Pessoas mais educadas e qualificadas terão, provavelmente, um maior cuidado e exigência em relação à origem dos produtos que consomem, pois serão mais críticas e menos manipuláveis. A educação é o caminho para que a aplicação dos valores relacionados com a ética ambiental se dê naturalmente nas atividades socioeconômicas.

Esta oficina trata do tema central da pesquisa, que teve por objetivo apresentar para os alunos noções e conceitos sobre o consumo exagerado e suas causas para o meio ambiente.

Discutir esta temática na escola pública incita o aluno a compreender que tudo que consumimos é retirado do meio ambiente e se somos levados a consumir sem consciência, estamos sendo levados a praticar o consumo exagerado pelo simples fato “comprar por comprar” sem ter uma real necessidade de algo, apenas obedecendo a uma ordem de mercado.

Pode-se afirmar essa realidade através da afirmação de Paz (2010; p.202) quando argumenta que:

O “Homo economicus” encerra características comportamentais tipicamente “humanas”: o trabalhador-consumidor que almeja principalmente alcançar o maior número possível de bens materiais. E nas suas atitudes desprovidas de avaliações de conjunto do meio em que se insere e de omissões quanto a moderações ou mitigações dos efeitos de suas ações... ele vai “atropelando, massacrando, esgotando, dizimando”...grande parte de seu próprio sustento e das gerações futuras.

Esta oficina também trouxe consigo dentro da temática sobre consumo trazer à tona a questão do consumo e uso consciente de materiais que fazer

parte da rotina escolar. Pode-se perceber que os alunos tem uma mentalidade de desperdiçar os materiais escolares como: livros, lápis, borrachas, cadernos, mesas (patrimônio material das escolas). Perceber e compreender que estes recursos tem sua origem retirada da natureza.

Desenvolvimento:

O primeiro passo para introduzir o assunto foi fazer perguntas aleatórias para os alunos sobre o que eles entendiam por consumo. Após a explanação dos alunos, foi exibido um vídeo<sup>10</sup> que abordava o assunto. Os alunos manifestaram suas impressões sobre a temática, assim uma explanação dialogada teve início, fomentando questões e conceitos como, por exemplo: consumo exagerado e desgastes dos recursos naturais. Em seguida foi exibido mais um vídeo, desta vez sobre consumo consciente, esta exibição proporcionou e levou os alunos a conhecerem formas de se consumir com responsabilidade. Durante a exposição das ideias surgiram questões como: cuidados com o planeta e responsabilidade social.

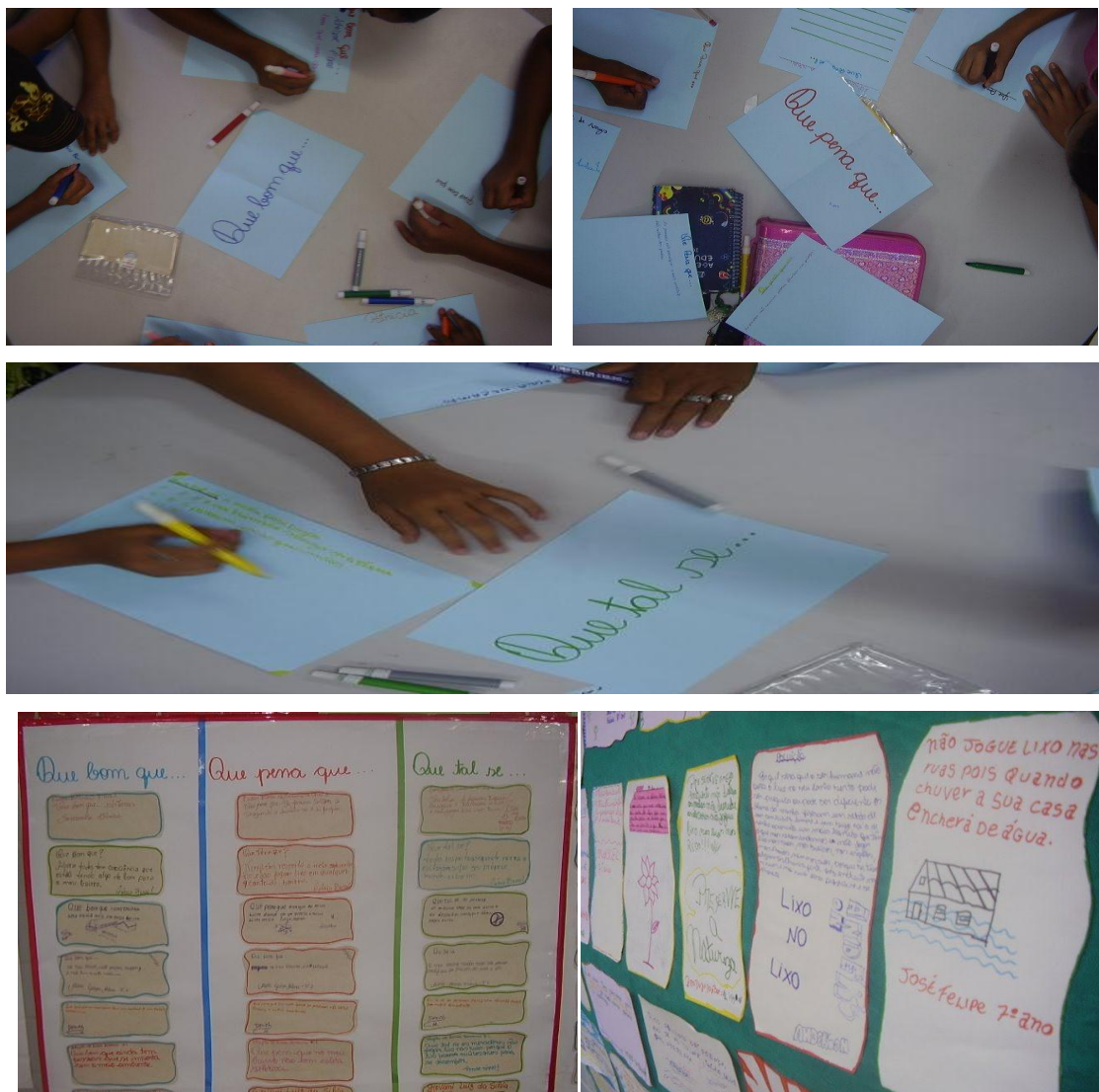
Por fim, a oficina culminou em pontuar alguns problemas e ações amenizadoras sobre o consumo em forma de painel. Para facilitar o entendimento dos alunos foi proposto aos alunos construir um painel (**Figura 19**) a partir de três indagações: que pena que; que bom que; e que tal se.

Partindo destas questões os alunos refletiram através da primeira indagação: que pena que; em que apontavam os problemas relacionados ao consumo exagerado; no segundo tópico: que bom que: os pontos positivos para tentar resolver os problemas surgidos e na última indagação que incita uma sugestão ou alternativa para a amenização do problema se resumia na seguinte questão: que tal se, na qual os alunos pudessem explicar uma alternativa/ resolução para um determinado problema.

---

<sup>10</sup> A série Consciente Coletivo faz reflexões sobre os problemas gerados pelo ritmo de produção e consumo de hoje. Disponível em : <http://www.youtube.com/watch?v=jaxvbT3Hc7I> .

**Figura 19:** Painéis construídos pelos alunos das escolas A e B na oficina de consumo.



Fonte: (Cristhiane Cavalcante, 2012)

No final como resultado da oficina os alunos formularam alternativas de consumo consciente e compreenderam que a questão do consumo exagerado compromete o meio ambiente.

### **Sexta oficina: TV e consumo tudo haver?**

#### **Contextualização:**

Sabe-se que atualmente os meios de comunicação, a mídia exercem influência diretamente na vida dos indivíduos. A televisão como um dos mais populares canais de comunicação passar ser grande aliado na sociedade de

consumo, a qual é caracterizada pela veiculação de posturas e tendências do sistema capitalista.

A televisão não apenas tem o objetivo de entretenimento, ela também carrega consigo uma gama de outras formas de interagir, mesmo que passivamente com o telespectador. Um simples, programa, novela ou seriado apresenta ao indivíduo modelos de vida, de consumo, o que comer o que vestir que carro deve-se usar posturas estas naturais do modelo econômico em que vivemos.

De acordo com Blauth e Abuhab (2009), os meios de comunicação de massa como a televisão são largamente consumidos pelo mundo globalizado.

Além destas formas de disseminação de padrões de vida grande parte da programação normal da televisão é marcada pelo número constante de propagandas de bens materiais diversos. De acordo com esse ponto tem-se, portanto, uma realidade: a televisão torna-se uma poderosa ferramenta de propaganda que seduz o consumidor e é capaz de moldar a identidade de crianças e adolescentes.

Desenvolvimento:

De início foi proposto um discurso sobre os meios de comunicação e suas finalidades, a televisão foi a primeira e ser mencionada no discurso dos alunos. Questionamentos sobre a dinâmica da TV foram discutidos, o grande número de propagandas durante os intervalos da programação foram mencionados pelos mesmos de maneira unânime.

Após explanação foi realizado uma atividade de pesquisa e recorte de imagens sobre propagandas com os alunos, durante a pesquisa os alunos foram convidados a reconhecer propagandas diversas sobre o uso de produtos de consumo e o apelo publicitário dos mesmos. Por fim os alunos puderam colar em um cartaz em formato de televisão - confeccionado antes para a oficina – as colagens das imagens publicitárias encontradas em revistas e jornais (também estes meios de comunicação) relacionadas ao consumo de produtos.

Ao término os alunos puderam refletir a cerca de como a mídia, no caso aqui retrada, pode influenciar os indivíduos ao consumo e que é preciso ter formação, educação e consciência, pois se trata de um apelo feito pela mídia cuja função é seduzir o telespectador - consumidor para a compra.

**Figura 20:** Montagem do cartaz com propagandas na oficina de Tv e consumo pelos alunos das escola A e B.



Fonte: (Cristhiane Cavalcante, 2012)

### **Sétima oficina: Consumo de energia**

Os efeitos do consumo de energia sobre o meio ambiente vêm representando uma preocupação mundial por estar relacionada ao debate mundial no tocante as mudanças climática mundiais. Esta temática foi contemplada no projeto com o objetivo de levar os alunos a repensarem o uso da energia elétrica e suas finalidades na sociedade de consumo além de se aterem ao fato de que o consumo de energia elétrica possui uma relação com o meio ambiente. Em Cohen (2002), o consumo de energia, é base das atividades produtivas e ocasiona inevitavelmente impactos sobre o meio ambiente.

Grande parte da humanidade atualmente depende da energia elétrica, vivemos envoltos a um padrão de vida que cada vez mais aumenta o consumo de energia.

A situação brasileira no que diz respeito ao consumo de energia elétrica nos país, segundo Dias (2009), apresenta o seguinte quadro: 97% da energia elétrica consumida vem de hidrelétricas, logo dependemos da boa saúde do meio ambiente. Com a devastação das florestas e das nascentes, o uso

excessivo de água para irrigação, falta de chuvas, alto padrão de consumo de energia e desperdício, o fornecimento através das hidrelétricas logo é ameaçado.

A energia necessária ao desenvolvimento do sistema socioeconômico vigente, além de ser função da tecnologia disponível, é, sobretudo determinada pelos tipos de infraestrutura locais como: meios de transportes, habitação, etc. e dos estilos e padrões de vida (COHEN, 2002).

Em meio a este crescimento cada vez mais ferrenho, pouco se discute acerca sobre os danos ocasionados ao meio ambiente através de seu uso, além da inexistência de uma consciência que esta é algo sempre disponível.

Desenvolvimento:

Esta atividade começou com algumas perguntas lançada aos alunos: podemos imaginar nossa rotina diária sem energia elétrica? E da onde vem a energia que consumimos? Após lançadas as perguntas os alunos mencionaram algumas respostas e a partir deste momento houve uma explanação sobre a origem da energia elétrica ( questão das hidrelétricas); e como o uso deste recurso tem afetado o meio ambiente.

Para aproximar os alunos da discussão sobre o tema, levou-se para a oficina uma conta de luz a qual foi xerocada e anexada a uma ficha de atividades. O objetivo da atividade proposta foi proporcionar aos alunos como saber interpretar uma conta de energia elétrica presente na rotina mensal doméstica e

Na ficha de atividades proposta para esta oficina (**Apêndice 2**), conteve as seguintes questões:

- Observar as informações sobre o consumo nos meses anteriores e escrever o mês de maior consumo;
- Identificar quais os meses em que o consumo médio foi maior e menor; examinando e descrevendo razões ambientais para isso como por exemplo: tempo de chuva; frio, calor, etc.;
- Analisar o verso da conta em que traz na parte um glossário com termos relacionados com a energia elétrica e citar um termo que julgou mais interessante e o porquê;

- Listar algumas providencias e/ou mudanças de hábito capazes de diminuir o consumo;
- Listar alguns danos ambientais ocasionados pela construção e operação de uma usina hidrelétrica.

Realizada a ficha de atividades, os alunos vivenciaram uma atividade musical para finalizar a oficina através de uma paródia sobre as fontes de energia da música “Aí se eu te pego”<sup>11</sup> (popularmente conhecida pelo público-alvo). Os alunos puderam ouvir a música e cantar devido ao ritmo ser familiar. A letra abordou sobre as fontes de energia e foi entregue para cada aluno acompanhar e levar consigo. A letra da paródia pode ser visualizada abaixo:

Sábado no Japão  
a usina começou a estourar  
e era Fukushima  
que é formada por energia nuclear

Nossa, nossa  
assim o Japão acaba  
vamos pensar nas atitudes a tomar

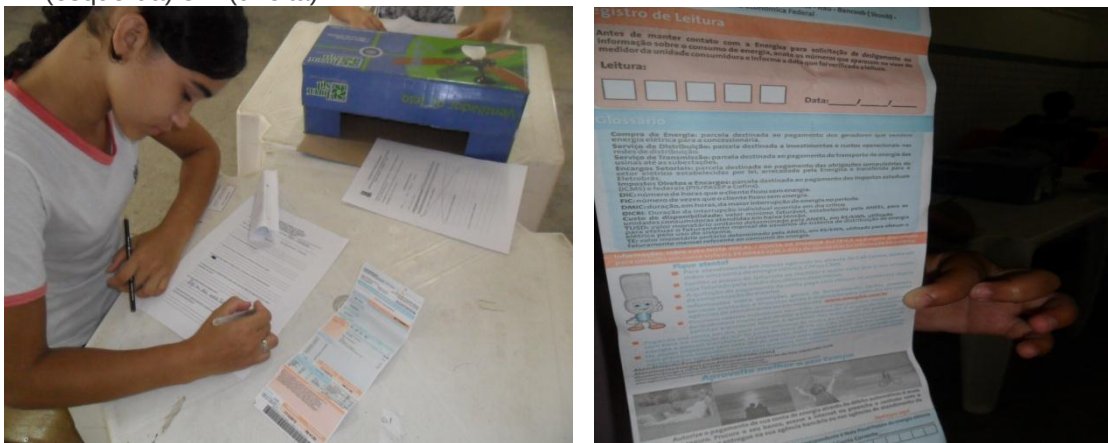
Se um dia, se um dia  
essa energia acaba  
temos pluvial, a eólica e a solar

Se esqueça, se esqueça  
das não renováveis  
são poluentes e podem acabar  
Petróleo, carvão  
são exemplos claros  
de que um dia elas podem nos faltar  
Porém biodiesel, hidrelétrica e etanol  
são renováveis  
e não vão acabar

---

<sup>11</sup> Paródia da música de mesmo título do cantor Michel Teló disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=JgxHTmaZ238>

**Figura 21:** Atividade desenvolvida na oficina de consumo de energia com alunos da escola A (esquerda) e B (direita).



Fonte: (Cristhiane Cavalcante, 2012)

### Oitava Oficina: Jornal Mural - O meio ambiente em notícia

Estamos habituados a todos os dias sermos bombardeados por notícias sobre assuntos diversos e é através destas que passamos a saber sobre questões sociais, ambientais econômicas , políticas, culturais, etc. O uso destas noticias na sala de aula vem contribuir no âmbito educacional como uma ponte entre os conteúdos trabalhos na escola e a realidade fora dos bancos escolares colocando o individuo em seu contexto social.

Hamze (2008) aponta que:

A ferramenta pedagógica, que se utiliza com o uso do jornal em sala de aula, prioriza o desenvolvimento acadêmico pela informação e tem como objetivo originar uma leitura mais crítica, assim como, esclarecer ao aluno a realidade dos problemas sociais, propiciar o desenvolvimento do raciocínio, aumentar a capacidade de questionamentos e abranger o conteúdo cultural.

Desta forma torna-se pertinente trazer para as discussões em sala de aula o jornal que proporciona aos alunos uma leitura da realidade social vivenciada a cada dia podendo ser um caminho para o desenvolvimento do raciocínio crítico dos indivíduos.

Desenvolvimento:

Como recurso material esta atividade apresentou diferentes jornais dos últimos três dias seguidos os quais foram levados para sala de aula, a partir

disto os alunos foram convidados em grupos a pesquisar nos jornais apenas notícias relacionadas ao meio ambiente e em seguida formar um Jornal Mural com as notícias encontradas. Os objetivos propostos desta oficina foram:

- Construir um Jornal Mural na comunidade escolar;
- Identificar notícias de caráter ambiental e/ou socioambiental;
- Incentivar o hábito da leitura;
- Desenvolver censo crítico;
- Despertar curiosidade e atenção na leitura de notícias relacionadas ao meio ambiente.

A utilização do Jornal Mural além de fazer parte desta atividade em questão permaneceu nos próximos meses convidando os alunos a informação sobre o meio ambiente, os alunos também foram encarregados de estar sempre atualizando-o com novas notícias isso despertou durante alguns meses a curiosidade da maioria tanto no que diz respeito a leitura quanto ao fato de atualização sendo esta última mais evidente na escola B, em que dois alunos se propuseram a sempre atualizar o mesmo.

**Figura 22:** Exposição do jornal mural com notícias do meio ambiente pelos alunos da escola A (esquerda) e da escola B (direita).



Fonte: (Cristhiane Cavalcante, 2012)

## **Nona Oficina: Sou consciente sou responsável?**

De acordo com o filósofo alemão Hans Jonas<sup>12</sup> que conceitua o princípio da responsabilidade como um imperativo do direito ambiental, o qual constitui que as pessoas devem agir de tal maneira que as implicações das suas ações sejam compatíveis com a conservação da vida humana autêntica.

Relacionado o conceito de responsabilidade em meio a sociedade capitalista de práticas de consumo irracionais impulsionados pelo modelo econômico, pode-se analisar que este termo – responsabilidade – fica um tanto subentendido uma vez que o ser humano é cada vez mais incentivados a satisfazer seus desejos. O homem vem apresentando, portanto, uma postura egocêntrica e cada vez mais individualista, tomando escolhas e realizando ações que contribuem significativamente para uma falta de responsabilidade.

Em suma a questão da responsabilidade se configura no fato de que os indivíduos devem ser conscientes de suas ações e posturas e assumir as consequências dos seus atos. A responsabilidade não se apresenta apenas em um contexto individual e sim também no que diz respeito a responsabilidades coletivas, como por exemplo: as de grupos de pessoas, governantes, profissionais de diversas áreas, organizações públicas e privadas.

Beck (1992) apresenta a teoria da sociedade de risco em que analisa o processo de risco os quais são presentes na sociedade considerando o fator do individualismo. Sua compreensão sobre este fato é reforçada quando afirma que a sociedade tornou-se um laboratório com nenhum responsável para o resultado do experimento.

Os indivíduos deve ter a consciência de princípios de ética e responsabilidade coletiva, identificando que somos todos passageiros do mesmo barco e que nossas ações afetam o outro e o meio. Infelizmente esta postura não é normalmente vigente na sociedade, o modelo econômico não é afetado, o ser humano é visto como consumidor independente de seus princípios e ações, independentes destes afetarem ou não a realidade socioambiental.

---

<sup>12</sup> Conhecido devido à sua influente obra O Princípio da Responsabilidade, formulou um novo e característico princípio moral supremo: "Atuar de forma que os efeitos de suas ações sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana genuína".

Desenvolvimento:

De início os alunos foram questionados sobre as definições de consciência e responsabilidade. Formulada a discussão foram explanadas o fato de nossas ações influenciarem o meio ambiente e o outro, este aspecto culminou em uma compreensão a cerca das consequências dos nossos atos perante a sociedade e conseqüentemente os atos de instâncias coletivas.

Como recurso utilizado na fomentação das ideias abordadas na oficina sobre o conceito de responsabilidade foi apresentado para os alunos o documento da Carta da Terra<sup>13</sup>.

A princípio foi lido o preâmbulo, da Carta da Terra para os alunos descrito abaixo:

### **PREÂMBULO<sup>14</sup>**

Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. À medida que o mundo torna-se cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir adiante, devemos reconhecer que no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que, nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações.

Como o texto da Carta da Terra é considerado um tanto extenso e de leitura distinta de alguns termos que para os alunos pudessem soar de forma desinteressante, optou-se por um vídeo<sup>15</sup> de duração de quatro minutos

---

<sup>13</sup> A Carta da Terra é uma declaração de princípios éticos fundamentais para a construção, no século 21, de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica. Busca inspirar todos os povos a um novo sentido de interdependência global e responsabilidade compartilhada voltado para o bem-estar de toda a família humana, da grande comunidade da vida e das futuras gerações. Disponível em: [http://www.cartadaterrabrasil.org/prt/what\\_is.html](http://www.cartadaterrabrasil.org/prt/what_is.html)

<sup>14</sup> Texto retirado da obra de Moacir Gadotti : A Carta da Terra na educação. Disponível em: [http://www.paulofreire.org/wpcontent/uploads/2012/CCP\\_Mat\\_Ref\\_Livros/EdL\\_A\\_Carta\\_da\\_Terra\\_na\\_Educacao\\_Moacir\\_Gadotti.pdf](http://www.paulofreire.org/wpcontent/uploads/2012/CCP_Mat_Ref_Livros/EdL_A_Carta_da_Terra_na_Educacao_Moacir_Gadotti.pdf).

<sup>15</sup> De autoria da educadora ambiental Michéle Sato, o vídeo enfoca de forma agradável e coerente os 16 princípios da Carta da Terra. Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=otuBS\\_ENIDI](http://www.youtube.com/watch?v=otuBS_ENIDI)

aproximadamente, o qual aborda os dezesseis princípios divididos nas quatro seções existentes no texto original da Carta da Terra.

Após a exibição do vídeo, os alunos puderam comentar os princípios em uma exposição dialogada que ocorreu da seguinte maneira: foi levado como recurso material para esta oficina além do vídeo, uma caixa contendo os 16 princípios impressos em tiras de papel, para que a oficina tivesse um caráter mais lúdico foi proposto uma dinâmica de grupo com isso os alunos se dirigiam a caixa e sorteavam um princípio e lia para o grupo. Desta forma os alunos puderam ler cada princípio e em grupo comentar com os demais.

**Figura 23:** Momentos durante a oficina: Sou consciente, sou responsável, nas escolas A e B.



Fonte: (Cristhiane Cavalcante, 2012)

## Décima oficina: Consumo de papel

### Contextualização:

Esta oficina surgiu de uma de um fato isolado que passa despercebido dentro do âmbito escola: o desperdício e o mau uso do papel. Durante as outras atividades foi percebido que os alunos de ambas as escolas desperdiçavam grande quantidade de papel.

Sabemos que o consumo de madeira é um dos problemas elencados no panorama ambiental. A madeira proveniente das florestas que sofrem com o desmatamento para suprir a demanda do consumo desta matéria-prima ocasionam o desmatamento que contribui para o efeito estufa e as mudanças climáticas. Parece que ao descartamos uma simples folha do nosso caderno não iremos causar prejuízo algo mais quando este hábito é comum, nota-se que algo vai errado e que é preciso realizar um uso racional, evitando o desperdício e contribuindo para a reciclagem.

### Procedimentos:

Tendo em vista as análises de observação comportamental dos alunos durante as práticas evidenciou que os mesmos desconheciam a origem e o ciclo da madeira até ser transformada no papel tão presente a rotina escolar.

Como atividade proposta os alunos foram incentivados a fazer uma lista de formas de racionalizar o consumo de papel, esta lista foi depois digitada e fixada nas salas de aulas, secretaria, direção e biblioteca.

**Figura 24:** Alunos da escola A realizando a atividade proposta na oficina.



Fonte: (Cristhiane Cavalcante, 2012)

**Figura 25:** Alunos da escola B realizando a atividade proposta nessa oficina.



Fonte: (Cristhiane Cavalcante, 2012)

### **Décima primeira oficina: Planeta Terra: nossa casa, consumo consciente: nosso dever**

#### **Contextualização:**

A última oficina do projeto teve por objetivo abordar o conceito de ecossistema enfocando que o ser humano apesar de sua cultura e padrão de vida é também um elemento do ambiente.

De acordo com **Aguilar** (2010, p. 130);

Atuar de maneira ecologicamente consequente significa limitar o ímpeto consumista e agir de conformidade com a consequência de que compartilhamos do destino dos outros seres vivos.

A sociedade atual configura o ser humano como indivíduo dissociado da natureza, ou seja, do seu meio natural e somos cada vez mais impulsionados a ser consumidores inconsequentes perante nossas ações para com o meio.

Esta realidade leva a refletir que uma nova forma de compreensão para o aspecto de vida do homem no planeta precisa ser reformulada.

#### **Procedimentos:**

Por ser a última oficina os alunos já se mostravam bastante a vontade com o tema da pesquisa, isso também facilitou a compreensão e entendimento dos mesmos quando a última atividade proposta foi realizada.

De início foi retomada a discussão de um modo geral convidando os alunos a lembrar das outras atividades desde o início do projeto e refletirem sobre a importância, o porquê desta iniciativa.

Após o relato oral dos alunos, foi trabalhado o conceito de ecossistema cuja finalidade era demonstrar para estes que somos pertencentes a um conjunto formado por comunidades que vivem e interagem no mesmo lugar e é significativamente influenciado por fatores diversos que atuam sobre as comunidades.

Em seguida foi exibido um vídeo<sup>16</sup> A história das coisas. Após a mostra do vídeo os alunos em grupo discutiram as seguintes ideias:

- Você já se perguntou de onde vem todas as coisas que compramos e para onde vão quando nos desfazemos delas?
- Cite alguns exemplos do que podemos fazer para diminuir nosso impacto no meio ambiente, através de frases, cartazes.

De forma clara os alunos descreveram suas ideias a respeito da discussão gerada após o vídeo fomentando o ponto central do projeto o consumo. Foi mencionada por eles a questão da responsabilidade, cuidados com o meio ambiente, consumo exagerado e destruição dos recursos naturais.

Por fim os alunos expuseram através de forma, oral, coletiva e através de cartazes suas impressões sobre a questão proposta. Podemos observar na **(Figura 26)** que segue abaixo:

---

<sup>16</sup> **A História das Coisas** é um documentário de 20 minutos, que vai direto ao ponto: como colaboramos diariamente pra destruir o planeta. Mostra passo a passo a cadeia de eventos que vai da exploração dos recursos naturais, passando pelo produto manufaturado, a compra e o descarte.

**Figura 26:** Exposição através de cartazes, após exibição de vídeo e discussão dos alunos da escola A e B.



Fonte: (Cristhiane Cavalcante, 2012)

## 6 CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências descritas neste trabalho tiveram como ponto base o uso de questionários destinados a professores e alunos com o intuito de fazer um levantamento a cerca da questão do consumo e do desperdício dentro do âmbito escolar contextualizados aos princípios da EA nas escolas. Como ponto de partida analisou-se, a percepção dos sujeitos envolvidos (alunos e professores), de duas escolas da rede pública da cidade de João Pessoa.

Em primeira análise desta pesquisa podemos afirmar que um dos pontos observados ao longo da pesquisa por incrível que pareça é a fragmentação do saber, não podemos simplesmente separar o contexto ambiental da educação formal de todo dia. Devemos compreender que a Educação Ambiental assim como a educação também se trata de um fator de mudança social, ou seja, a partir de uma nova mentalidade é possível a mudança, é o que podemos observar em Loureiro (2006) que as sociedades se transformam e essas mudanças podem ser profundas ou superficiais, lentas ou rápidas, graduais ou instantâneas. Mas sempre mudam algo, num processo que está em curso.

E é, portanto, que os educadores devem reconhecer e assumir sua postura não apenas voltada para a Educação Ambiental e sim para a educação de forma ampla, que contextualize questões que concernem a dinâmica do mundo em que vivemos, pois assim consequentemente estará contribuindo para a formação dos indivíduos em se relacionar com o meio ambiente, evidenciando assim uma contextualização frente ao contexto ambiental.

Sabemos da realidade da nossa sociedade, conhecemos bem a situação do nosso país que apresenta uma política educacional preso a falhas de gestão, isso vem refletir em todas as esferas e o que não é diferente ao que diz respeito a EA, podemos vislumbra que mudanças vem ocorrendo, não podemos simplesmente nos tornar tão cétricos ao ponto de não crer em melhorias, isso também não significa que estamos defendendo uma visão romântica de toda conjuntura seja esta ambiental ou não.

Ao longo desta pesquisa percebemos que os maiores desafios para a uma educação voltada ao consumo consciente estão refletidos na falta informação, na falta de conhecimento sobre a Educação Ambiental, as relações

para com o meio ambiente são esquecidas em meio ao grande ciclo de acontecimentos no mundo, mas a escola, as pessoas não podem se comportar como algo a parte deste contexto.

É então que notamos a real necessidade de uma educação voltada e contextualizada com a realidade vivenciada por nós a cada dia. Negar que nosso modo de vida não afeta o meio ambiente a cada vez que nos comportamos como meros consumistas é negar que fazemos parte de um sistema, de uma rede. Desta forma a educação não pode simplesmente passar sem nada deixar relacionada à Educação Ambiental.

Há na verdade uma necessidade de se formar indivíduos a reconhecerem o meio ambiente como parte de sua existência é necessário proporcionar as pessoas em quaisquer que sejam seus níveis de escolaridade uma formação condizente com a realidade de nossa sociedade, uma sociedade que se comporta cada vez mais de maneira individualista e consumista apresentando um modo de viver cada vez mais insustentável através de um consumo desenfreado no qual o desperdício de faz presente alterando o uso responsável de nossas reservas naturais.

Esta pesquisa desde o início surgiu da real necessidade frente à lacuna educacional que permeia as escolas públicas aqui citadas, o desperdício, a falta de consciência dos discentes para com a escola culmina na depredação do patrimônio público associada a uma concepção deturpada da real origem destes bens. Essa realidade trouxe a tona que é preciso fomentar nas escolas que o desperdício associado ao mau uso dos recursos naturais impulsiona o indivíduo para uma situação de risco e sobrevivência.

A questão do consumo consciente e sustentável vem como uma temática necessária a discussão dentro do âmbito escolar. O panorama da sociedade mundial hoje é movido por um sistema capitalista que nos ludibria com um padrão de vida em que tudo é descartável, até mesmo os princípios humanos.

De frente a esta situação a EA pode contribuir para uma nova mentalidade, para uma mudança de comportamento no que diz respeito a relação homem- ambiente na sociedade contemporânea em que o consumo inconsequente se faz presente nos padrões de vida hodiernos.

## REFERÊNCIAS

ABÍLIO, F. J. P. Ética, Cidadania e Educação Ambiental. In: Andrade, Maristela Oliveira (Org.). **Meio Ambiente e Desenvolvimento**: bases para uma formação interdisciplinar. João Pessoa, PB: Editora Universitária da UFPB, 353p. 2008.

ABRAMOVAY, M. (Org.) ; ANDRADE, E. R. (Org.) ; ESTEVES, L. C. G. (Org.) . **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. 1. ed. Brasília: MEC,

AGUIAR, E. B. **O homem de lata quer um coração**: caminhos para uma ética ambiental efetiva. In: PAZ, R.J.; LUNA, R.G.; FARIAS, T. (Org.). **Gestão Ambiental: O caminho para a sustentabilidade**. João Pessoa, Editora Universitária/UFPB, 2010.

BECK, U. **Sociedade de risco**. Rumo a uma nova modernidade. Londres: Sage Publications, 1992.

BLAUTH, G.; ABUHAB, P. **De olho na vida**: reflexões para um consumo ético. Florianópolis: Instituto Harmonia da Terra, 2006.

BOFF, L. Saber Cuidar. **Ética do Humano** - compaixão Pela terra 999, Petrópolis, Vozes. UNESCO, 2009.

COHEN, C. **Padrões de Consumo**: Desenvolvimento, Meio-Ambiente e Energia no Brasil, pag 166, tese de Doutorado apresentado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002

DESJEUX, D. **O Consumo: Abordagens em Ciências Sociais**. Maceió, EDUFAL, 2006.

DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Experiência Brasileira**. São Paulo, São Carlos: UFSCa, 1996

DIAS, G. F. Atividades interdisciplinares de educação ambiental: **práticas inovadoras de educação ambiental**. 2.ed. São Paulo, SP: Gaia, 2006

DURKHEIM, E. **A educação** - sua natureza e função. In: \_\_\_\_\_. Educação e Sociologia. São Paulo: Melhoramentos, 1978

FAGGIONATO, S. **Percepção Ambiental**. Disponível em <<http://educar.sc.usp.br> -2007 > Acesso em: 12/11/2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURRIELA, R. B. 2001. **Educação para o Consumo Sustentável**. Ciclo de

alestras sobre Meio Ambiente: Programa conheça a educação do Cibec Inep -MEC/SEF/COEA.

GADOTTI, M. **A Carta da Terra na educação** - São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

\_\_\_\_\_. A C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUERRA, R. A. T. e ABÍLIO, F. J. P. **Educação Ambiental na Escola Pública**. João Pessoa: Foxgraf, 233p. 2006.

GUIMARÃES.M. **Formação de educadores ambientais**. Papirus, SP. 2004.

HAMZE, A. **O uso do jornal em sala de aula**. Disponível em: <<http://www.educador.brasilecola.com/trabalho-docente/jornal-sala-aula.htm>>. Acesso em: 23/12 /2012.

LEFF. E. **Saber Ambiental**. Vozes. 2008

LUZZI. **Educação E Meio Ambiente** - Uma Relação Intrínseca - Série Sustentabilidade - 2012

MANDARINO,M.C.F. **Organizando o trabalho com vídeo em sala de aula**.(2002).Disponivelem:[www.unirio.br/morpheusonline/numero012000/monicamandarino.htm-34k](http://www.unirio.br/morpheusonline/numero012000/monicamandarino.htm-34k)

MEDINA. N. M. A formação dos professores em Educação Fundamental In: **Panorama da educação ambiental no ensino fundamental / Secretaria de Educação Fundamental**.Brasília: MEC ; SEF, 2001.

MORAN, J. M. **O vídeo na sala de aula**. In: Revista Comunicação e Educação, nº 2. São Paulo, Editora Moderna. Revista do Curso Gestão e Processos Comunicacionais/ ECA/USP,p. 27-35, 1995.

PAZ, R.J.; LUNA, R.G.;FARIAS, T. (Org.). **Gestão Ambiental: O caminho para a sustentabilidade**. João Pessoa, Editora Universitária/UFPB, 2010.

POUPART et al.**Pesquisa Qualitativa**.Vozes.2008

REIGOTTA. M. **Verde Cotidiano**. 1995.

SAUVÉ, L. **Uma cartografia das correntes em educação ambiental**. In: Sato, M. & Carvalho, I. (organizadoras). **Educação Ambiental: pesquisa e desafio**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SATO, M.; TAMAIO, I.; MEDEIROS, H. **Reflexos das cores amazônicas no mosaico da educação ambiental**. Brasília: WWF-Brasil, 2002.

TAMAIO, I. **O professor na construção do conceito de natureza**: uma experiência de educação ambiental. São Paulo: Annablume/WWF, 2002.

TUAN, Y.F. - **Espaço e Lugar**: A Perspectiva da Experiência. Ed. Difel - São Paulo/SP – 1983.

UNESCO. Políticas Públicas de / para / com a **Juventudes**. Brasília, Julho de **2004**. Disponível em [http://prejal.oit.org.pe/index.php?option=com\\_content&task=view&id=650&Itemid=206](http://prejal.oit.org.pe/index.php?option=com_content&task=view&id=650&Itemid=206)

## APÊNDICES

## ANEXOS